

RELATÓRIO DE CENTRO DE ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE

Observação e Análise do Adversário: Adaptabilidade Estratégico-Tática dos Juniores B Sub-17

Rio Ave Futebol Clube | Época desportiva 2016/2017

PORTO, SETEMBRO 2017

RELATÓRIO DE CENTRO DE ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE

Observação e Análise do Adversário: Adaptabilidade Estratégico-Tática dos Juniores B Sub-17

Rio Ave Futebol Clube | Época desportiva 2016/2017

Relatório de estágio profissionalizante apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com vista à obtenção do 2º ciclo de estudos conducente com o grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo (Decreto-lei nº 7/2006 de 24 de Março).

Docente Orientador: Professor Dr. Júlio Manuel Garganta da Silva

Discente: Gonçalo Gonçalves Teixeira

PORTO, SETEMBRO 2017

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Teixeira, G.G. (2017). Observação e Análise do Adversário: Adaptabilidade Estratégico-Tática dos Juvenis Sub 17 do Rio Ave Futebol Clube - Época 2016/2017. Porto: G. Teixeira. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL; OBSERVAÇÃO; ANÁLISE; TREINO; ADAPTABILIDADE ESTRATÉGICO-TÁTICA.

DEDICATÓRIAS

Aos meus pais, que me permitem sonhar.

AGRADECIMENTOS

Agradecer à instituição Rio Ave Futebol e à cidade Vila do Conde por estes 3 anos de ligação, por me ter recebido de uma forma carinhosa, e proporcionado momentos únicos, de grande aprendizagem e crescimento. Esta história ainda não acabou...

Aos meus atletas por tudo o que me ensinam e pelo que ainda me vão ensinar, muito obrigado.

Agradecer ao coordenador de formação do clube, Professor Francisco Costa, por me ter dado a oportunidade de entrar no mundo do treino de Futebol, por me questionar e tornar-me melhor. Sem a confiança que depositou em mim não tinha chegado até aqui. Vou continuar a agradecer-te com a competência e dedicação que me reconheceste.

Ao João Paulo Rebelo, Afonso Moniz, Laurentino Teixeira e Sr. Manuel Pacheco, pessoas com as quais partilhei funções na equipa técnica e marcaram de forma vincada a minha forma de estar e de trabalhar, obrigado por contribuírem para o meu crescimento.

Ao Luís Silva, Diogo Queiroz e Zé Martins, por me terem recebido e integrado na vossa equipa técnica, por me terem ajudado a ser melhor todas as semanas, "...isto não é como começa, é como acaba.".

A todas as pessoas que pertencem à instituição Rio Ave Futebol Clube e que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Agradecer ao meu orientador de estágio, Professor Júlio Garganta, pela ajuda e apoio prestados que, permitiram a conclusão deste trabalho.

Agradecer muito à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, por estes 5 anos de grande aprendizagem e maturação, nas pessoas do Professor José Guilherme Oliveira, Professor Filipe Casanova, Professor António Natal, Professor Daniel Barreira, Professor Pedro Silva, obrigado pela transmissão pelo

jogo de futebol e todos os conhecimentos e valências que me transmitiram nestes últimos anos.

A todas as pessoas que trabalham na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, as quais permitem que os alunos tenham um ensino de excelência, reconhecido nacional e internacionalmente.

Ao Edgar, Pedro, Gui e Dylan, pelo companheirismo nestes anos académicos, nem sempre perto como desejaríamos mas sempre, sempre presentes.

A todos os meus colegas de Licenciatura e Mestrado.

A todos os meus amigos de infância que, felizmente, ainda tenho por perto, Lima, Miguel, Marta, Veró, Ana, cada minuto convosco vale as semanas que não nos vemos.

Ao pessoal lá de casa, à minha irmã Sílvia, ao meu “irmão” Carlos e aos meus dois sobrinhos, Vicas e Xavi, que renovaram as minhas energias desde que estão connosco.

Aquele beijinho de todas as manhãs, para a Gena.

Aos meus pais, Zé e Elsa, por apoiarem todo o meu percurso e alimentarem o meu sonho sem o questionar. Todo o pouco que conquistei até hoje, é vosso.

Um beijinho muito especial á Maria João, a minha melhor amiga, pela estabilidade, equilíbrio emocional e carinho que me proporciona todos os dias da minha vida, obrigado por tentares perceber esta minha paixão que nos tira tantos momentos sem nunca a questionares. Obrigado pelo tempo que passou e o tempo que ainda está para vir...

A todas as pessoas que não mencionei, mas encontrei neste caminho e me fizeram crescer e ser melhor.

ÍNDICE GERAL

FOLHA DE ROSTO.....	III
FICHA DE CATALOGAÇÃO.....	IV
DEDICATÓRIA.....	V
AGRADECIMENTOS.....	VII
ÍNDICE GERAL.....	IX
ÍNDICE DE FIGURAS.....	XI
ÍNDICE DE TABELAS.....	XIII
ÍNDICE DE ANEXOS.....	XV
RESUMO.....	XVII
ABSTRACT.....	XIX
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XXI
1. INTRODUÇÃO.....	23
1.1 Contextualização da Prática Profissional.....	23
1.2 Objetivos e Finalidade do Estágio.....	25
1.3 Estrutura do Relatório do Estágio.....	26
2. ENQUADRAMENTO PRÁTICA PROFISSIONAL.....	27
2.1 Contexto Legal, Institucional e de Natureza Funcional.....	27
2.1.1 O Clube - Rio Ave Futebol Clube.....	27
2.1.2 Órgãos Diretivos.....	30
2.1.3 Departamento de Formação.....	31
2.1.3.1 Visão e Missão enquanto entidade formadora.....	32
2.1.3.2 Coordenação Geral Diretiva.....	33
2.1.3.3 Coordenação Geral Técnica.....	34
2.1.3.4 Juvenis sub-17 – Caracterização da equipa de jogadores.....	35
2.1.4 Contexto Competitivo.....	36
3. MACRO CONTEXTO CONCEPTUAL.....	39
3.1 O Jogo de Futebol – Um Sistema Complexo.....	39
3.2 Modelo de Jogo.....	40
3.3 Modelo de Treino.....	42
3.3.1 Modelo de exercício - Especificidade e Representatividade.....	42

3.3.2 Morfociclo Padrão.....	43
3.4 <i>Scouting</i> e Análise de Jogo.....	44
3.4.1 Influência da análise do adversário.....	45
3.4.2 O que perguntar ao jogo?.....	47
3.4.3 Análise Quantitativa ou Análise Qualitativa? Quantidades de qualidade.....	50
3.4.4 Observação Direta vs Observação Indireta.....	53
3.5 Ciclo de tarefas do Treinador/Analista.....	54
4.REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	57
4.1 Atividade Principal – Observador e analista de desempenho do adversário.....	57
4.1.1 Calendarização da atividade.....	59
4.1.1.1 Mesociclo de Observação nº 1.....	59
4.1.1.2 Mesociclo de Observação nº 2.....	60
4.1.1.3 Mesociclo de Observação nº 3.....	62
4.1.2 Microciclo de Observação.....	63
4.1.3 Exemplo ilustrativo de um relatório de observação.....	65
4.2 Modelo de Jogo RAFC – Juniores B Sub 17.....	70
4.2.1 Caracterização Geral.....	71
4.2.2 Organização Ofensiva.....	73
4.2.3 Transição Defensiva.....	74
4.2.4. Organização Defensiva.....	75
4.2.4.1 Indicadores de Pressão.....	76
4.2.4.2 Indicadores de Subida de Bloco.....	76
4.2.5 Transição Ofensiva.....	77
4.3 Modelo de Treino Juvenis Sub 17 – Morfociclo Padrão.....	78
4.4 Adaptabilidade estratégico-tática dos Juniores B – Juvenis RAFC.....	84
5. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.....	99
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105
ANEXOS.....	CXI

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Primeiro estádio do Rio Ave Futebol Clube.....	- 28 -
Figura 2 - Estádio dos Arcos	- 29 -
Figura 3 - Órgãos Diretivos do clube (Nascimento, 2016)	- 30 -
Figura 4 - Organização do Departamento de Formação do clube (Nascimento, 2016)	- 31 -
Figura 5 - Relação cíclica entre análise, treino e performance.....	- 55 -
Figura 6 - The Coaching Cycle, highlighting the importance of observation and analysis, retirado de Carling et al. (2005)	- 56 -
Figura 7 - Informação básica do jogo e equipa em observação	- 65 -
Figura 8 - Equipa provável e informação extra pertinente	- 66 -
Figura 9 - Caracterização Geral da Equipa – Macro Princípios Ofensivos e Defensivos.....	- 66 -
Figura 10 - Organização Ofensiva.....	- 67 -
Figura 11 - Transição Defensiva.....	- 67 -
Figura 12 - Organização Defensiva	- 68 -
Figura 13 - Transição Ofensiva	- 68 -
Figura 14 - Esquemas Táticos (1/2)	- 69 -
Figura 15 - Esquemas Táticos (2/2)	- 69 -
Figura 16 - Jogadores Chave	- 70 -
Figura 17 - Sistema principal (1-4-3-3).....	-69-
Figura 18 - Variante do sistema principal	- 71 -
Figura 21 - Exemplo de planeamento semanal de treinos	- 79 -
Figura 22 – Proposta de contexto de exercitação - palmeiras.....	- 87 -
Figura 23 - Gráfico de análise do momento de transição ofensiva x Palmeiras.....	- 88 -
Figura 24 - Proposta de contexto de exercitação - Padroense.....	- 91 -
Figura 25 - Gráfico de Análise Quantitativa ao Momento de Transição ofensiva x padroense.....	- 92 -
Figura 26 - Proposta de contexto de exercitação - futebol clube do porto...-	94 -
Figura 27 - Gráfico de Eficacia do blco alto pressionante x FCporto.....	- 95 -

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Áreas e funções da Coordenação Geral Diretiva.....	- 33 -
Tabela 2 - Plantel Juvenis Sub17 Época 2016-2017	- 36 -
Tabela 3 - Diferenças entre métodos qualitativos e quantitativos, traduzido O'Donoghue, (2015).....	- 51 -
Tabela 4 - Limitações da análise de jogo quantitativa (adaptado Silva, 2006 citado por Gama et al. 2017)	- 52 -
Tabela 5 - Mesociclo de observação nº1	- 60 -
Tabela 6 - Mesociclo de observação nº2	- 61 -
Tabela 7 - Mesociclo de Observação nº 3	- 62 -
Tabela 8 - Microciclo de Observação.....	- 63 -
Tabela 9 - Modelo de Jogo: Organização Ofensiva	- 73 -
Tabela 10 - Modelo de jogo: transição defensiva.....	- 74 -
Tabela 11 - Modelo de Jogo: Organização Defensiva	- 75 -
Tabela 12 - Indicadores de pressão.....	- 76 -
Tabela 13 - Indicadores de subida e não subida de bloco defensivo.....	- 76 -
Tabela 14 - Modelo de Jogo: Transição Ofensiva.....	- 77 -
Tabela 15 - Tabela representativa do morfociclo padrão	- 83 -
Tabela 16 - Microciclos de Observação.....	- 85 -
Tabela 17 - Microciclo de Observação nº17 - características consideradas do adversário e adaptações propostas	- 86 -
Tabela 18 - Características do adversário e adaptações estratégicas – Palmeiras.	- 90 -
Tabela 19 - Características do adversário e adaptações estratégicas – Padroense.....	- 94 -

ÍNDICE DE ANEXO

Anexo I – Relatório completo: Palmeiras.....	CXIII
Anexo II – Relatório Completo: Padroense.....	CXVIII
Anexo III – Relatório Completo: Futebol Clube do Porto.....	CXXVIII
Anexo IV – Certificado Prozone Amisco.....	CXXVIII
Anexo V – Certificado Bwizer.....	CXXX

RESUMO

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito do 2º ciclo do Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

O principal objetivo do trabalho focou a temática da observação e análise de jogo do adversário e, como é que esta dimensão influencia o planeamento e concetualização do treino no sentido de aumentar os índices de performance da equipa, no momento competitivo.

Verificamos que, o modelo de jogo e o modelo de treino são dimensões que não são independentes do modelo de observação e análise do adversário, pelo contrário têm um grau de dependência alto. A análise de jogo é um método indispensável de avaliação e controlo da performance e do treino. Nesta linha de raciocínio, a definição do plano estratégico referente ao próximo momento competitivo tem de contemplar as características do jogo anterior e as do jogo que se aproxima. Concluimos também que a elaboração do plano estratégico-tático de uma equipa não pode desrespeitar os princípios do modelo de jogo da mesmo, podendo tornar o processo de treino contraproducente, a intervenção a este nível deve remeter-se à enfatização de dinâmicas e comportamentos inerentes ao nosso jogar, no sentido de anular ou tirar partido das características da equipa adversária. Por fim, concluimos, que este processo deve condicionar a decisão do jogador mas nunca decidir por ele.

Penso que este trabalho se apresenta como simples mas contributivo para uma temática que já se encontra explorada mas pouco operacionalizada, unindo as três dimensões da análise, treino e jogo de futebol.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL; OBSERVAÇÃO; ANÁLISE; TREINO; ADAPTABILIDADE ESTRATÉGICO-TÁTICA.

ABSTRACT

This internship report was carried out within the scope of the 2nd cycle of the Master's Degree in High Performance Sports Training, Faculty of Sport, University of Porto.

The main objective of the work focused on the subject of observation and analysis of the opponent's game, and how this dimension influences the planning and preparation of the training in order to increase the performance indexes of the team in the competitive moment.

We verify that the game model and the training model are dimensions that are not independent of the model of observation and analysis of the opponent, but rather have a high degree of dependence. Game analysis is an indispensable method of evaluating and controlling performance and training. In this line of reasoning, the definition of the strategic plan for the next competitive moment has to contemplate the characteristics of the previous game and those of the game that is approaching. We also conclude that the strategic-tactical plan of a team can not disrespect the principles of the game's game model, and may make the training process counterproductive, intervention at this level should refer to the emphasis on inherent dynamics and behaviors to our play, in order to cancel or take advantage of the characteristics of the opposing team. Finally, we conclude, that this process must condition the decision of the player but never decide for it.

I think that this work presents itself as a simple but contributory contribution to a topic that has already been explored but little operationalized, uniting the three dimensions of analysis, training and football game.

KEYWORDS: FOOTBALL; OBSERVATION; ANALYSIS; TRAINING; STRATEGIC-TACTICAL ADAPTABILITY.

LISTA DE ABREVIATURAS

RAFC – Rio Ave Futebol Clube

GR – Guarda-Redes

X – contra

+ - mais

FPF – Federação Portuguesa de Futebol

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização da Prática Profissional

“O treinador de Futebol, assim como qualquer outro estudioso ou investigador, tem de aprofundar constantemente o conhecimento do jogo, que se encontra em contínua evolução”

(Mombaerts, 2000)

A realização do presente relatório de estágio é parte obrigatória e integrante do quadro legal de exigências para a conclusão do 2º ciclo em Treino de Alto Rendimento Desportivo pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto que, após aprovação confere o grau II de treinador. Para esse efeito, a realização do estágio pareceu-me a opção mais indicada, a agregação entre a teoria e a prática, debater-me e refletir com os problemas da prática apoiando-me na teoria.

O futebol é o jogo desportivo coletivo mais visto e praticado no mundo (Reilly, 1996). A partir da análise e observação de modalidades, como o futebol, inseridas na família dos JDC, constatamos que o jogo apresenta um grau de complexidade elevado, com constantes relações de reversibilidade de objetivos, papéis, funções em qualquer momento de jogo, seja por parte dos adversários ou colegas de equipa (Neto, 2008). Tendo em conta a sua natureza multifatorial e complexa, a evolução da compreensão da modalidade caminha no sentido de cada vez mais, se perceber quais os fatores que influenciam o rendimento desportivo e como podemos controlar os mesmos.

A tática é a dimensão unificadora do jogo que dá sentido a todas as outras dimensões (física, técnica, psicológica, etc.), fornecendo-lhes sentido e lógica (Oliveira, 2004). Este conceito remete-nos para uma cultura organizacional específica que vai para além do sistema tático utilizado.

Nesta perspetiva, uma das principais missões dos técnicos desportivos relaciona-se com a capacidade de sistematizar a dinâmica funcional da sua equipa, procurando potenciar as relações entre jogadores no sentido de melhorar a performance coletiva (Davids, Button, & Bennet, 2008), através do Modelo de Jogo. O Modelo de Jogo é um processo dinâmico entre o Plano Macro (Equipa) que é parcialmente identificável e o Plano Micro (jogador) que se pretende imprevisível. Isto é, os grandes princípios são padrões gerais que caracterizam a equipa (Plano Macro) e os subprincípios são padrões de jogo intermédio (Plano Meso) que permitem que os princípios gerais se evidenciem: são as dinâmicas da equipa. Os sub subprincípios (Plano Micro) relacionam-se com as singularidades dos jogadores fornecendo imprevisibilidade à previsibilidade (Planos Macro e Meso) (Guilherme, 2004). De uma maneira sucinta, o Modelo de Jogo é um conjunto de ideias e princípios que determinam uma forma de jogar (Azevedo, 2011). Lucas & Garganta (2002) defende que o processo de treino deve ser sustentado pelo modelo de jogo, considerando que o mesmo orienta todo o processo de planeamento e operacionalização do processo de treino, com vista à construção de uma forma de jogar específica (Azevedo, 2011). Garganta (1997), afirma que os comportamentos que os jogadores exteriorizam durante o jogo, são resultantes de adaptações provocadas pelo contexto e processo de treino. Dada a extrema importância destes dois contextos, o jogo e o treino, o controlo de qualidade dos mesmos surgiu de forma natural. A análise de jogo influência de forma construtiva o processo de elaboração e avaliação do modelo de jogo e consequentemente o processo e conteúdo de treino. A observação, análise e interpretação do desempenho da própria equipa e dos seus adversários é fundamental para o planeamento e operacionalização do conteúdo e objetivos de treino (Ventura, 2013). De acordo com Gouveia (2005), a observação da equipa adversária tornou-se para os treinadores uma prioridade, pois é através deste conhecimento que podem preparar os jogos ao pormenor da perspetiva estratégico-tático, elencando todos os pontos fortes e fragilidades que o adversário apresenta com o objetivo, sem desrespeitar o modelo de jogo da própria equipa, especificar e

enriquecer o conteúdo de treino de forma a estarmos mais perto da realidade que vamos encontrar e, por conseguinte, mais perto de vencer.

1.2 Objetivos e Finalidade do estágio

A opção pela realização de relatório de estágio profissionalizante teve o intuito de desenvolvimento de conhecimentos e competências nas áreas da observação e análise de jogo de futebol, processo de treino e de um melhor entendimento da lógica interna do jogo.

Os objetivos pessoais que defini para o centro de estágio passam por:

- Crescimento como Treinador e pessoa, duas dimensões com um grau de dependência elevado, fruto das relações mais próximas que vou estabelecer com pessoas que lidam com o alto rendimento desde há muitos anos e que têm uma experiência enorme neste contexto;
- Moldar e ajustar os meus conhecimentos, ideias e métodos, fruto da reflexão da minha prática profissional e feedback de segundos;
- Participação nas reuniões de planeamento de trabalho, onde se discutem tudo o que envolve o processo que relaciona análise, preparação e performance
- Criar uma relação lógica de trabalho que contemple o modelo de jogo, modelo de treino e modelo de análise.
- Quais as características ótimas de uma observação do jogo do adversário e respetiva análise.
- Identificar quais as características fundamentais para ser um analista de desempenho do jogo de Futebol competente.
- Relacionar os processos de análise dos adversários com o nosso processo de treino; Utilizar informação pertinente sobre o jogo do adversário para moldar e condicionar o exercício de treino;
- Por fim, utilizar todas as dificuldades que se vão apresentar no meu trajeto, refletir sobre os mesmos e tornar-me melhor profissional.

1.3 Estrutura do relatório de estágio

Para a correta elaboração deste relatório de estágio profissionalizante, o documento comporta sete capítulos.

O primeiro capítulo é a introdução, onde apresento, de forma breve e não exaustiva, o atual estado de arte dos temas abordados, elenco quais os meus objetivos pessoais para o estágio e, por fim, a estrutura do mesmo.

No segundo capítulo, abordo e descrevo o contexto legal, institucional e de natureza funcional do centro de estágio, breve caracterização do meio envolvente que vai servir de cenário para a prática profissional.

Posteriormente, no terceiro capítulo apresento o macro contexto conceptual, onde apresento uma revisão da literatura, que suporta toda a minha prática de forma mais profunda e exaustiva. O modelo de jogo, treino e análise destacam-se neste capítulo.

O capítulo quatro é onde apresento o Desenvolvimento da Prática Profissional inerente à minha função, a calendarização do meu trabalho, de que forma executei as atividades, o impacto que o trabalho que desenvolvi e a reflexão desse mesmo impacto na performance da equipa.

O capítulo cinco e seis referem, respetivamente, uma breve reflexão sobre o meu Desenvolvimento Profissional e as Considerações Finais onde descrevo as principais conclusões que retiro deste ano de trabalho.

Por fim, apresento os Anexos no capítulo sete.

2. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

2.1 Contextualização Legal, Institucional e de Natureza Funcional

O presente estágio inserido no plano curricular do 2º ciclo Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto foi realizado no Rio Ave Futebol Clube, mais concretamente nos Juvenis Sub-17 que disputaram o Campeonato Nacional de Juvenis. O período de estágio foi compreendido entre Agosto de 2016 e Junho 2017

2.1.1 O Clube - Rio Ave Futebol Clube

“O Rio Ave Futebol Clube foi criado no ano de 1939 por um grupo de vilacondenses – João Pereira dos Santos, Albino Moreira, João Dias, Ernesto Braga e José Amaro. A primeira Direção do clube teve pela frente a árdua tarefa de completar a vida do clube.

O Rio Ave F. C. veio a estreiar-se a 6 de maio de 1939, em Beiriz, freguesia do concelho da Póvoa de Varzim. A nossa equipa regressou com um resultado desfavorável de duas bolas e uma, mas com toda a vontade de lutar por mais. Apenas alguns meses depois é inaugurada a sede do clube: a casa de João Raposo, situada na Rua de S. Bento. A 29 de Janeiro de 1940 surgia o primeiro estádio do RAFC, designado de “Estádio da Avenida” por se situar na Avenida Baltazar Couto.



FIGURA 1 - PRIMEIRO ESTÁDIO DO RIO AVE FUTEBOL CLUBE (RETITADO DO SITE OFICIAL DO CLUBE)

A Primeira Direção do Rio Ave Futebol Clube foi constituída pelos elementos:

- Presidente: João Resende dos Santos
- Vice-presidente: Albino Cunha
- 1.º Secretário: João Saraiva Dias
- 2.º Secretário: Ernesto Espírito Santo Braga
- Tesoureiro: José Amaro

A 18 de janeiro de 1941: o RAFC conhece a sua primeira Assembleia Geral, o acontecimento ficou marcado pela presença de um grande número de associados.

Os quarenta anos decorridos entre o nascimento do Estádio da Avenida e a sua demolição foram pautados de inesquecíveis triunfos. Os primeiros títulos que ficaram nos anais do clube foram o de Campeão Promocional da A. F. P (1941/1942), Campeão Regional da III Divisão da A. F. P (1942/1943) e o ingresso do clube na I Divisão (1979/1980).

De igual relevo foi a conquista da qualificação para a final da Taça de Portugal, na época de 1983/1984. A chegada à Divisão máxima do futebol português exigiu a procura de um recinto desportivo que fosse ao encontro das necessidades sentidas e da legislação vigente na época. Assim, a 13 de Outubro de 1984, foi inaugurado o novo estádio do Rio

Ave F. C., situado junto aos arcos do aqueduto setecentista, a atual Rua D. Sancho I (parte Norte/Nascente da cidade).



FIGURA 2 - ESTÁDIO DOS ARCOS (RETITADO DO SITE OFICIAL DO CLUBE)

Trinta anos volvidos sobre 1984, ano de estreia no Jamor e de inauguração do Novo Estádio, o Rio Ave Futebol Clube cumpriu uma época de glórias ímpares. A 7 de Maio, jogava no Estádio Municipal de Leiria, a final da Taça da Liga. Passados 11 dias, a 18 de maio, O Estádio Nacional recebia o clube de Vila do Conde para disputar a Final da Prova Rainha. O infortúnio pela não conquista de um troféu foi rapidamente ultrapassado pela presença nas Competições Europeias.

Em 2014/2015, o Rio Ave Futebol Clube encarou um novo desafio, a Liga Europa, e aplicando a mesma coragem que, desde séculos passados caracteriza Vila do Conde, levou de vencida duas equipas suecas e garantiu a presença na Fase de Grupos da 2ª prova de clubes mais importante do Mundo. A presença no principal escalão do futebol nacional, e a conquista das provas europeias colocam o nome do Rio Ave Futebol Clube, bem como o da sua cidade berço, definitivamente na História do futebol.” (retirado do site oficial do clube)

2.1.2 Órgãos Diretivos

A atual direção do RAFC apresenta a estrutura evidenciada no seguinte organograma.

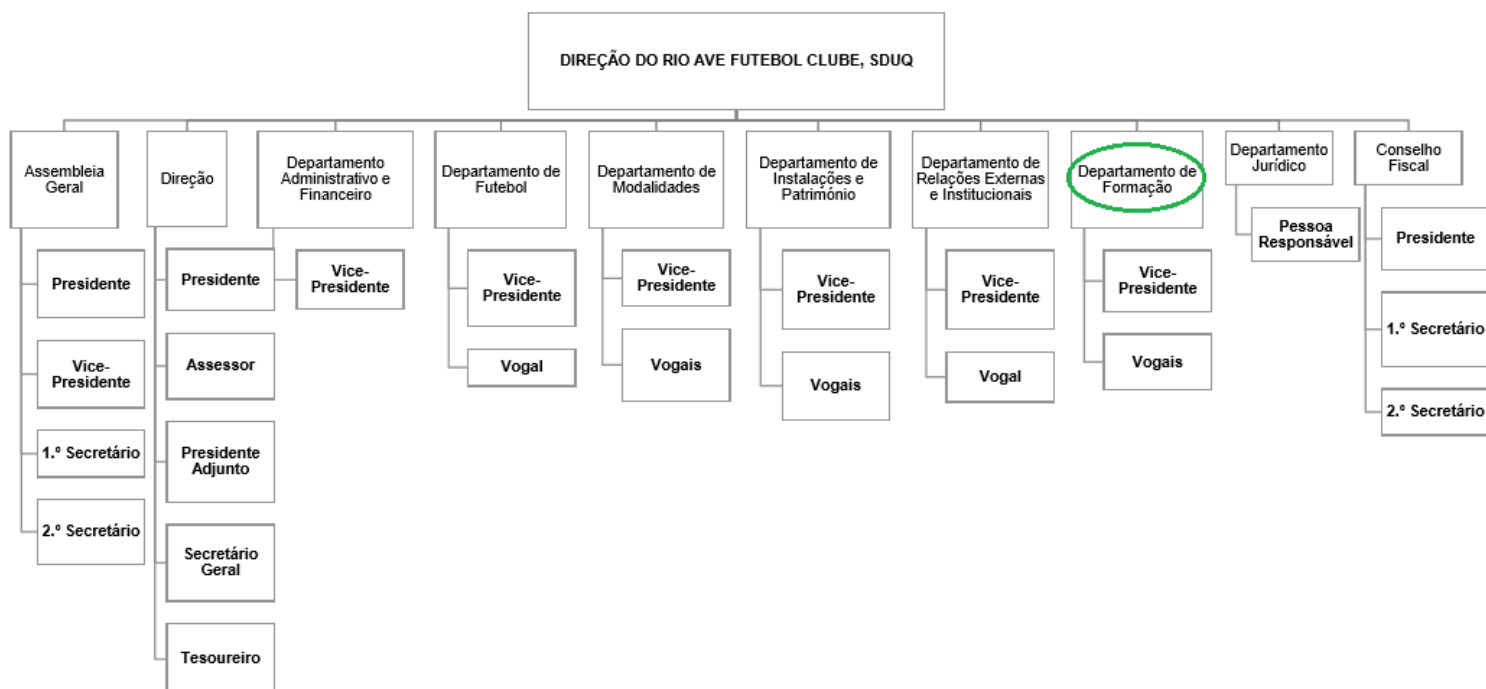


FIGURA 3 - ORGÃOS DIRETIVOS DO CLUBE (NASCIMENTO, 2016)

2.1.3 Departamento de Formação

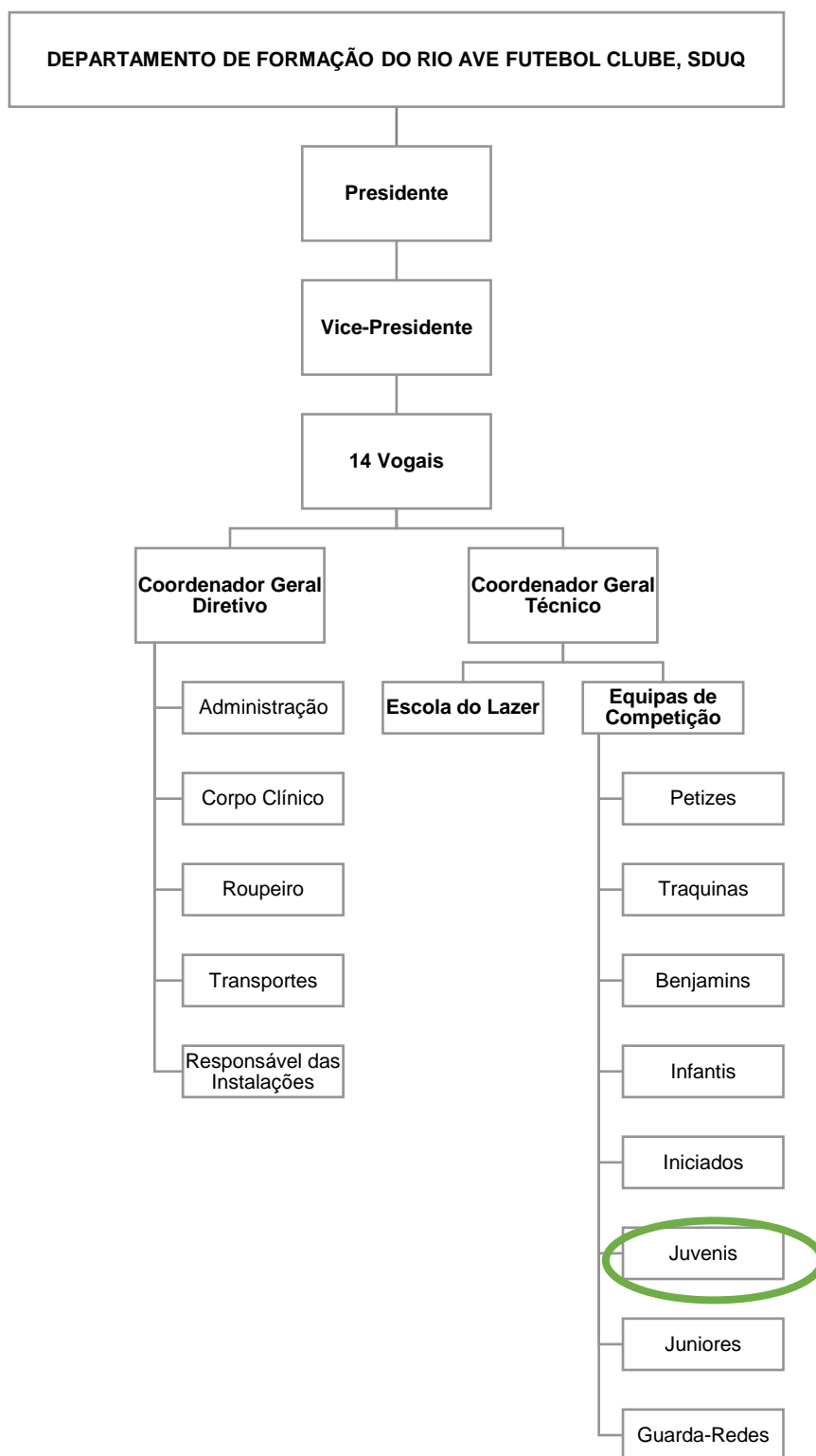


FIGURA 4 - ORGANIZAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DO CLUBE (NASCIMENTO, 2016)

2.1.3.1 Visão e missão do clube enquanto entidade formadora

Enquanto entidade formadora, certificada este ano pela Federação Portuguesa de Futebol, pretendemos, através da prática profissional e amadora do futebol, promover o crescimento e desenvolvimento desportivo e social da comunidade especialmente dos mais jovens, com uma organização profissional para uma prestação de serviços de qualidade.

A formação do jovem futebolista é trabalho que requer não só conhecimentos ao nível da metodologia de treino, das tendências evolutivas, etc. Mas também muita paciência e muita capacidade de motivação do praticante. Não se trata apenas de treinar, é mais que isso: é educar, é acompanhar o crescimento e maturação, é sentir os problemas dos atletas, é participar, é viver, é acompanhar.

Sabendo que a formação do jogador tem em vista atingir o alto rendimento e, paralelamente, poder integrar a equipa sénior, não nos parece possível que isso aconteça, se não existir uma racionalização e uma conceptualização de todo o processo, bem como, se esse processo não tiver uma referência a equipa sénior. Portanto todo o processo passará pela formação de um jogador específico para uma forma de jogar específica.

A formação deverá ser perspectivada e orientada para a construção de um jogador inteligente, que seja capaz de interpretar as particularidades do modelo de jogo adotado pelo clube e que possua capacidade que lhe permitem transformar em ação o seu pensamento.

No processo de formação de futuros atletas deve perseguir-se o desenvolvimento do jogador, no que respeita ao nível de conhecimentos a adquirir e ao grau de eficácia das ações tático-técnicas individuais e coletivas, através dos exercícios que constituem os conteúdos dos treinos de ensino. O treino de futebol deve constituir-se num verdadeiro processo de ensino-treino, em que, permanentemente, deverá existir uma interação

entre treinador e jogadores; onde importa correlacionar a lógica didática com a lógica interior do jogo, sendo para isso necessário para que os meios a utilizar confrontem o jogador e a equipa com os aspetos fundamentais que caracterizam a lógica interna do jogo, e onde a necessidade de recorrer a exercícios com bola, sempre o mais próximo possível do jogo, seja uma preocupação constante. As estratégias mais adequadas para ensinar futebol passam pelo recurso a formas motivantes, que colocam o praticante em situações problema que devem conter os aspetos fundamentais do jogo, ou seja, a bola, a cooperação, o adversário, a seleção “melhor escolha” e a finalização.

Dependendo de uma forma sustentada num Modelo de jogo, que pretende formar um jogador com um determinado perfil.

2.1.3.2 Coordenação Geral Diretiva

Na tabela seguinte surgem todas as áreas e respetivas funções específicas, em que os órgãos diretivos atuam em prol da dinâmica funcional diária do Departamento de Formação do Rio Ave Futebol Clube.

Área	Funções
Administração	- Responsável pela gestão de toda a logística inerente às equipas de formação do clube.
Corpo Clínico	- Responsável pela preservação da saúde e integridade física dos jogadores; - Aumento e aperfeiçoamento do rendimento
Equipamentos	- Responsável pela rouparia.
Transportes	- Responsável pelas deslocações diárias a três locais para transporte de atletas para os campos de treino e vice-versa.
Instalações	- Responsável por assegurar a manutenção e o bom funcionamento das instalações do clube.

TABELA 1 - ÁREAS E FUNÇÕES DA COORDENAÇÃO GERAL DIRETIVA

2.1.3.3 Coordenação Geral Técnica

O coordenador está encarregue da Escola Lazer e das equipas de competição. Sendo assim responsável por:

- Planeamento de toda a formação do RAFC, sempre em função do modelo de jogo adotado, controlando-o de forma rigorosa, objetiva e coletiva;
- Implementação de toda a metodologia de treino inerente ao modelo de jogo;
- Recrutamento e seleção de todos os elementos que constituirão as equipas técnicas, bem como a definição do perfil dos mesmos, tendo por base a confiança e cumplicidade nos seus métodos de trabalho;
- Melhoramento permanente dos processos necessários à colocação de jogadores da formação na equipa sénior do clube, sendo este o principal objetivo do clube.

No âmbito da coordenação geral técnica, o RAFC é composto por duas entidades, com nomes similares, mas com propósitos distintos. A primeira é a Escola Lazer do RAFC que é destinada jovens (sexo masculino e feminino) com idades compreendidas entre os quatro e os doze anos. A Escola Lazer tem um coordenador específico e é constituída por doze treinadores. Esta tem por objetivos:

- Contribuir para a formação integral do jovem atleta;
- Promover hábitos de vida saudável, recorrendo à prática regular de exercício físico, hábitos de higiene, contato com a natureza, assim como uma alimentação saudável;
- Proporcionar aos alunos/atletas um aglomerado de vivências sócio-afetivas, promovendo, assim, uma cidadania responsável, consciente e participativa;

- Formar, desenvolver e melhorar as capacidades cognitivas, psicológicas, técnicas, táticas, condicionais e coordenativas específicas do futebol.

A segunda, apelidada de Rio Ave Futebol Clube, SDUQ (Sociedade Unipessoal por Quotas), destinada à prática desportiva, na qual se integram todas as equipas de competição

- Petizes (Sub-6 e Sub-7)
- Traquinas (Sub-8 e Sub-9)
- Benjamins (Sub-10 e Sub-11)
- Infantis (Sub-12 e Sub-13)
- Iniciados (Sub-14 e Sub-15)
- Juvenis (Sub-16 e Sub-17)
- Juniores (Sub-18 e Sub-19).

Ao todo, são trinta treinadores que compõem estas equipas, dos quais três trabalham exclusivamente com os guarda-redes.

2. 1.3.4. Juvenis Sub17 – Caraterização da equipa e jogadores

O plantel que este ano transita para os Juvenis Sub 17, é maioritariamente constituído por jogadores que o ano passado competiram na 1ª divisão do Campeonato Distrital Sub17 da Associação de Futebol do Porto, jogando contra adversários mais velhos no sentido de estarem mais preparados para a dificuldade que vão experimentar num Campeonato Nacional. Ainda assim todos os futebolistas do plantel já jogaram no Campeonato Nacional de Sub 15 há dois. Contamos com três reforços, via transferência, Miguel Bastos, Hugo Pinho e Gonçalo Nunes e 6 juvenis de primeiro ano que transitam diretamente dos Sub15 para os Sub17.

Plantel Juevnis Sub17 - Rio Ave Futebol Clube - 2016/2017			
Nome Atleta	Posição	Escalão	Clube Anterior
Miguel Xavier	Guarda-Redes	Sub-17	Rio Ave FC
Diogo Figueiredo	Guarda-Redes	Sub-16	Rio Ave FC
Telmo Guedes	Guarda-Redes	Sub-16	Rio Ave FC
Miguel Pedro	Lateral Direito	Sub-17	Rio Ave FC
Daniel Dias	Lateral Direito	Sub-17	Rio Ave FC
Abel Folha	Lateral Esquerdo	Sub-17	Rio Ave FC
Israel Navarro	Lateral Esquerdo	Sub-16	Rio Ave FC
Miguel Bastos	Lateral Esquerdo	Sub-16	FC Porto
Adriano Pereira	Defesa Central	Sub-17	Rio Ave FC
Eduardo Aguiar	Defesa Central	Sub-17	Rio Ave FC
Tomás Martins	Defesa Central	Sub-16	Rio Ave FC
Pedro Nuno	Defesa Central	Sub-17	Rio Ave FC
Rodrigo Rodrigues	Médio Defensivo	Sub-17	Rio Ave FC
Celso Mota	Médio Defensivo	Sub-17	Rio Ave FC
Hugo Pinho	Médio Interior	Sub-17	Paços de Ferreira
João Pinto	Médio Interior	Sub-17	Rio Ave FC
Vasco Moreira	Médio Interior	Sub-16	Rio Ave FC
Rúben Amaral	Médio Interior	Sub-16	Rio Ave FC
Gonçalo Nunes	Médio Interior	Sub-17	Anadia
Tiago Barreto	Ala Esquerdo	Sub-17	Rio Ave FC
Diogo Fernandes	Ala Esquerdo	Sub-17	Rio Ave FC
Rafael Lopes	Ala Direito	Sub-17	Rio Ave FC
Pedro Oliveira	Ala Direito	Sub-17	Rio Ave FC
Vitor Francisco	Avançado	Sub-17	Rio Ave FC
Dany Gonçalves	Avançado	Sub-17	Rio Ave FC

TABELA 2 - PLANTEL JUVENIS SUB17 ÉPOCA 2016-2017

2.1.4 Contexto Competitivo

Esta equipa vai estar inserida num contexto competitivo bastante onde a qualidade de jogadores e treinadores já é considerável, a maior prova disso é que neste momento Portugal é campeão da Europa de Sub17 com jogadores que evoluíram e se potenciaram neste campeonato antes de defender as cores da nossa seleção.

Segundo o regulamento da prova a Federação Portuguesa de Futebol esclarece:

1. O Campeonato Nacional de Juniores B é constituído por três fases, de acordo com o estabelecido nos números seguintes.

2. A primeira fase é composta por 48 clubes, os quais são divididos em 4 séries (A, B, C, D) de 12 clubes cada. Em cada série, os clubes jogam entre si uma vez e por pontos, na qualidade de visitante ou visitado.

3. Por sorteio são definidos os clubes que jogam 6 vezes na qualidade de visitado e 5 vezes na qualidade de visitante.

4. O agrupamento das séries é elaborado, de acordo com a localização geográfica dos clubes, em conformidade com critério publicitado por Comunicado Oficial da FPF.

5. Os 4 clubes melhor classificados dentro de cada série qualificam-se para a Segunda Fase – Apuramento Campeão.

6. Na segunda fase – Apuramento Campeão, os 16 clubes são divididos em 2 séries de 8 clubes cada – série norte e série sul - e jogam entre si duas vezes e por pontos, uma na qualidade de visitante e outra na qualidade de visitado.

7. O agrupamento das séries é elaborado, de acordo com a localização geográfica dos clubes, em conformidade com critério publicitado por Comunicado Oficial da FPF.

8. Os 2 clubes melhor classificados de cada série, mais o Clube melhor Classificado em 3.º lugar entre as séries da segunda fase – Apuramento de Campeão, são apurados para a terceira fase.

9. O representante da Região Autónoma dos Açores e o representante da Região Autónoma da Madeira, em conjunto com o segundo Clube classificado em 3.º lugar na Segunda Fase – Apuramento Campeão e o melhor 4.º classificado das duas Séries da mesma Fase, jogam entre si, uma vez e por pontos, no sistema de *play-off* para apurar o melhor clube para a terceira fase – Apuramento de Campeão.

10. O *play-off* referido no número anterior é realizado alternadamente numa das Regiões Autónomas dos Açores, da Madeira e no Continente.

11. Os 6 clubes apurados para a Terceira Fase – Apuramento de Campeão, jogam entre si duas vezes e por pontos, uma na qualidade de visitante e outro na qualidade de visitado, para apurar o vencedor do Campeonato Nacional de Juniores B.

12. Os restantes 32 Clubes que não ficaram apurados para a Segunda Fase – Apuramento Campeão, disputam a Segunda Fase – Manutenção e Descida, divididos novamente em 4 séries (A, B, C, D) de 8 clubes que jogam entre si duas vezes e por pontos, uma na qualidade de visitante e outra na qualidade de visitado, de acordo com o sorteio.

13. Na Segunda Fase – séries de Manutenção e Descida, os clubes transitam com a metade dos pontos obtidos na primeira fase da prova, arredondados para o número inteiro superior, e mantêm-se nas mesmas séries.

14. As vagas resultantes das descidas previstas no número anterior são preenchidas pelos clubes promovidos dos campeonatos distritais, sendo tal informação comunicada à FPF, pelas respetivas associações distritais de futebol.

15. No caso de um ou mais clubes terem garantido desportivamente a possibilidade de disputar o Campeonato Nacional de Juniores B e não reunirem os requisitos regulamentares de inscrição nesta Prova, o preenchimento dos Clubes em falta é feito por indicação das associações com maior número de clubes a disputar os campeonatos distritais de juniores B (Federação Portuguesa de Futebol, 2016).

3. MACRO CONTEXTO CONCEPTUAL

3.1 O Jogo de Futebol – Um Sistema Complexo

Por todas as características presentes no jogo de futebol este enquadra-se na família dos jogos desportivos coletivos que, segundo Teodorescu citado por Garganta (1997), “caracterizam-se, entre outros fatores, pela aciclicidade técnica e efeitos cumulativos morfológico-funcionais e motores por uma intensa participação psíquica”. A relação de oposição e cooperação entre os elementos das duas equipas em confronto, desenvolvidas no contexto de imprevisibilidade, marcam a natureza dos jogos desportivos coletivos, classificando-o como um jogo de oposição (Garganta & Pinto, 1998).

Pelo número de intérpretes envolvidos no jogo, pela quantidade de relações que se pode estabelecer em cada momento e pela aleatoriedade das mesmas, é unânime, na literatura científica, classificar o jogo de futebol como um sistema complexo. Começando pela génese morfológica da palavra, Capra (1996) refere que o termo “sistema” tem origem grega e surge da palavra *synhistanai* que significa “colocar junto”. Segundo Bertrand e Guillement (1994), um sistema, independentemente do contexto, caracteriza-se pelo estabelecimento de relações entre elementos que o compõe e os fatores que o envolvem e tem por objetivo atingir um objetivo final de forma integral, como um todo. Segundo Couture e Valcartier (2007), um sistema complexo é caracterizado por componentes em interação, criando uma dinâmica de padrões que operam no espaço. De acordo com Oliveira (2004), o jogo de futebol é o confronto de dois sistemas que são as duas equipas e vários subsistemas que são os jogadores que se relacionam com o objetivo de atingir um fim comum. Na mesma linha de raciocínio, Gréhaigne (2001), vê o futebol como um macrosistema que nasce a partir de pequenos

sistemas em interação, é este estabelecimento de relações hierárquicas entre os vários níveis sistémicos, que nos remete para o desenrolar de acontecimentos num jogo, a sua lógica interna. Nesta perspetiva, podemos definir uma equipa como um sistema não linear auto-organizado (McGarry et al., 2002).

Segundo Button et al. (2012), as equipas desportivas aderem à auto-organização através de dois princípios. Primeiro, as interações estabelecidas entre os componentes do sistema permitem atingir objetivos, que individualmente não eram possíveis, devido à interação dos elementos, pequenas alterações podem provocar efeitos completamente distintos. Segundo, a não linearidade do sistema deve-se à incerteza e incapacidade de prever como irão interagir os elementos em cada instante. De acordo com Morin (1982, citado por Neto 2008), o conceito de sistema sem organização é tão redutor como o conceito de organização sem sistema. Um sistema que não contemple organização, resulta num conjunto de acontecimentos aleatórios sobre os quais o treinador, jogadores e todos os sujeitos de ação vão ter dificuldades em interagir. Cabe ao treinador e aos jogadores organizarem o jogo, criando alguma ordem dentro da imprevisibilidade característica desta modalidade desportiva.

3.2 Modelo de Jogo

Segundo a literatura acima revista, as equipas de futebol são sistemas dinâmicos que necessitam de organização para evidenciar uma determinada identidade e que lhe permite manter a integridade e fluidez.

O Modelo de Jogo é antes de tudo uma ideia, uma identidade que define a equipa (Neto, 2008). O treinador, no momento de construção do modelo de jogo da sua equipa, além de ter em consideração as suas ideias de jogo, deve respeitar as características culturais do clube e as socioculturais dos

jogadores (Pinto & Garganta, 2006). O mesmo é constituído por princípios comportamentais definidos em diferentes escalas ou níveis de complexidade, para os diferentes momentos do jogo (organização ofensiva, organização defensiva, transição ataque-defesa e transição defesa-ataque), e que se articulam entre si para criar uma identidade coletiva (Oliveira, 2004), que, como designam Frias e Duarte (2011), constitui a impressão digital da equipa.

Na conceção de Mourinho (2001), para elaboração de um modelo de jogo é importante conhecer:

- O clube em questão; características históricas, sociais e culturais do clube;
- A equipa e o respetivo nível de jogo;
- O nível e as características individuais dos jogadores;
- O calendário competitivo;
- Os objetivos a atingir;
- Organização funcional ou articulação princípios, subprincípios e sub dos subprincípios estabelecidos nos momentos do jogo;
- Organização estrutural ou sistemas táticos;
- Realidade estrutural e financeira.

Leal e Quinta (1994) afirmam que o processo de formação dos jogadores é muito importante para a criação de uma cultura futebolística, com princípios e regras coerentes e bem definidas, que tenham por base um modelo de jogo que, por sua vez, orientará a conceção de um modelo de treino, modelo de jogador e mesmo o modelo de treinador. Para os mesmos autores (2001), a criação de um modelo de jogo constitui um pressuposto essencial que dinamiza e orienta a definição dos objetivos e seleção dos meios mais adequados para o processo de treino. Os jogadores procuram as soluções mais adequadas aos problemas do jogo, utilizando um conjunto de regras orientadoras da sua ação, que são os princípios, subprincípios do modelo de jogo (Garganta & Pinto, 1998). Concluindo, o processo de treino deve regular-se por princípios que modelem o jogo no sentido de uma concretização equilibrada entre o futebolista e o jogo (Silva, 2008).

3.3 Modelo de Treino

É unânime entre os autores que se debruçam sobre esta temática que o treino é um fator decisivo para a obtenção da excelência desportiva. Afonso (citado por Ribeiro, 2009) afirma que o fator competitivo é muito importante, mas o processo de treino é decisivo na influência do rendimento desportivo. Segundo Oliveira (2004), o modelo de jogo é fundamental para conceber e desenvolver um processo de treino coerente e específico com o objetivo de criar uma forma de jogo. O processo de treino visa desenvolver comportamentos de jogo específicos, a construção de uma ‘forma de jogar’ que advém da organização comportamental nos momentos de organização defensivos, ofensivos, transição defesa-ataque e transição ataque-defesa (Silva, 2008).

3.3.1 Modelo de exercício - Especificidade e Representatividade

O exercício de treino é o local onde o treinador materializa as suas ideias e onde os atletas aprendem o conteúdo do jogo (Mesquita, 2000). Para Queiroz (1986), a estrutura e organização dos exercícios devem procurar representar as condições de variabilidade características da estrutura e conteúdo do jogo, ou seja, os exercícios devem estar adaptados à realidade do jogo, respeitando sempre os princípios de aleatoriedade e imprevisibilidade do mesmo.

Segundo Pereira (2006) especificidade do exercício procura relacionar o mesmo com o modelo de jogo e as competências tático-técnicas individuais e coletivas, psicocognitivas e físicas dos jogadores. O termo *representative learning design* tem sido proposto para sublinhar a importância de ambientes de aprendizagem representativos para desenvolver as competências (Pinder et al., 2011). Araújo e Davids (2011), propõem que o conhecimento se baseia em recorrentes processos

de percepção-ação segundo a abordagem ecológica do conhecimento. Segundo os mesmos autores (et al, 2009), as oportunidades de ação (“*affordances*”) durante o desempenho desportivo promovem a relação entre elementos e cenários chaves, representativos do contexto de jogo, e a emergência de padrões de comportamento.

As tarefas de treino representativas necessitam de considerar a natureza dinâmica do jogo (Araújo, 2010), logo, é necessário que os exercícios: i) mantenham a complexidade das tarefas de decisão presentes no contexto do jogo; ii) sejam concebidos para que a percepção de uma fonte de informação permita a realização de juízos fiáveis sobre esta; iii) incluam situações dinâmicas que evoluam e apresentem decisões inter-relacionadas; iv) permitam que os praticantes possam agir no contexto de forma a detetar a informação que guia as suas ações em função dos seus próprios objetivos (Pinder et al., 2011).

3.3.2 Morfociclo Padrão

De acordo com Oliveira (citado por Silva, 2008) o padrão semanal é fundamental para a organização do processo treino. O mesmo autor refere que o padrão semanal seguinte visa preparar o próximo jogo considerando o que se passou no anterior e o que se perspetiva para o seguinte. Segundo Frade (citado por Acero, 2013) a estrutura do treino é feita a partir da menor unidade, que é o tempo entre dois jogos. O mesmo autor defende um modelo de periodização que apresenta uma estrutura padrão que se ajusta consoante o tempo entre jogos.

Os exercícios e métodos que integram a dinâmica e distribuição das cargas semanal é no sentido de se aproximar o máximo possível da exigência real do jogo, procurando a antecipação e adaptação da equipa e dos jogadores aos problemas que surgirão em contexto competitivo, modelando a equipa tendo em conta as características da própria equipa e do próximo adversário (Acero et al, 2013).

Concluindo, os autores sugerem que a estabilização de um padrão semanal ou entre competições vai melhorar o rendimento individual e coletivo dos sujeitos de performance.

3.4 Scouting e Análise de Jogo

O termo científico em português que corresponde á palavra *scouting* é observação que, por sua vez, segundo Moutinho (1991), consiste “no ato ou efeito de observar, consideração atenta de um facto para o conhecer melhor”. A observação não é uma capacidade inata mas uma atividade altamente qualificada para a qual é imprescindível não só, um grande conhecimento e uma compreensão de fundo da modalidade em causa, como também a capacidade de desenvolver raciocínios originais e a habilidade para identificar acontecimentos significativos (Bell, 1997) ou seja, o observador tem de ser conhecedor do jogo, e ter a perfeita noção do que procura quando analisa um determinado contexto, para que a informação recolhida seja concisa e relevante.

O estudo do jogo a partir da observação comportamental dos jogadores nos jogos desportivos coletivos teve início nos Estados Unidos em 1931 com Messermith e Corey onde analisaram as distâncias percorridas em jogo pelos jogadores de basquetebol (Mathias e Greco, 2009). Silva (2006) afirma que o primeiro relato de uma análise de jogo na modalidade de Futebol data de 18 de Março de 1950, no jogo entre Swindon town vs Bristol Rovers, onde Charles Reep desenvolveu um sistema de análise baseado em anotações de informações sobre o jogo em causa.

Segundo Moutinho (1991) análise e observação do jogo são referidas unanimemente pela literatura especializada como importante e decisiva no processo de preparação desportiva nos Jogos Desportivos Coletivos. Para Hughes & Franks (1997), a informação recolhida a partir da análise do comportamento dos atletas nos contextos de treino e competição é atualmente considerada uma das variáveis que mais afetam a aprendizagem

e a eficácia da ação desportiva. Neste sentido a análise e compreensão do jogo assume um papel fundamental uma vez que permite a identificação, a definição e a caracterização das fases, componentes e fatores de competição (Ferreira e Queiroz, 1982)

Segundo Oliveira Silva (2006), aspetos como a análise da própria equipa e análise do adversário podem assumir-se como fatores fundamentais na regulação do conteúdo de treino. O treino está dependente de uma análise que permita melhorar o rendimento desportivo, para induzir mudanças comportamentais nos atletas. O mesmo autor refere que o primordial objetivo da observação e análise do jogo é obter informação detalhada, e de qualidade, referente à competição da sua equipa e dos adversários, de forma, a controlar e operacionalizar o processo de treino. Na mesma linha de raciocínio, Garganta (1997) afirma que a análise de jogo permite interpretar a organização das equipas, interpretar as ações que ocorrem para a qualidade do jogo, planificar e organizar o treino, estabelecer planos táticos adequados em função do adversário, regular o treino, tendo sempre como objetivo final melhorar a performance da própria equipa.

Concluindo, o *scouting* é, hoje em dia, uma prática corrente no seio das equipas técnicas na modalidade de Futebol, assumindo-se com um recurso essencial para os treinadores e jogadores estarem mais preparados para responderem com sucesso às exigências do treino de alto rendimento desportivo.

3.4.1 Influência da análise do adversário no processo de treino

Como já verificamos na literatura acima revista, o *scouting* tem como principais objetivos apoiar a construção regulada do modelo de jogo da própria equipa, apoio na planificação e organização do processo de treino e caracterização das equipas adversárias (Martins, 2000). Todos estes fatores influenciam o conteúdo de treino semanal, com vista á manutenção e aquisição de princípios de jogo da equipa e a preparação

estratégico-tática da face aos diferentes adversários (Carvalho, citado por Ventura, 2013).

Partindo do princípio que o modelo de jogo é a orientação para todo o processo ensino/aprendizagem inerente ao treino (Garganta, 2003), Silva (2011), considera injustificável qualquer alteração ao mesmo, no sentido de adaptar uma equipa ao adversário, mas afirma ser oportuno realizar alguns ajustes nas características dos exercícios de treino. O mesmo autor defende que esses ajustes devem ser regulados pelo modelo de jogo e princípios da própria equipa. Torrescusa (citado por Vasquez, 2012) defende que, para a correta preparação do conteúdo de treino, este tem de contemplar um estudo prévio das principais características do adversário onde se analisa os pontos fortes e fracos do mesmo, principalmente no trabalho da componente tática do jogo. A informação sobre o adversário deve nortear a construção de alguns exercícios de treino, principalmente os que se destinam a delinear soluções estratégicas para o jogo. Com essas informações, os treinos devem ser direccionados no sentido de definir e consolidar estratégias que valorizem os “pontos fortes” de uma equipa contra os “pontos fracos” do adversário e que minimizem os “pontos fortes” do oponente sobre os “pontos fracos” da equipa (Castelo, 1996; Lopes, 2005).

No entendimento de Garganta (1997), com a análise do jogo podemos alcançar as seguintes dimensões: 1) Interpretar a organização das equipas e ações concorrentes da qualidade do jogo; 2) planificar e organizar o treino; 3) definir planos estratégico-táticos em função do adversário e 4) regular o treino.

A construção de exercícios de treino com base na identificação de determinadas características apresentadas pelos adversários parece ser conveniente, tendo em conta que o treinador constrói, para o período semanal de treino, um conjunto de exercícios específicos que pretendem simular a realidade da situação competitiva que a equipa vai encontrar (Castelo, 2004).

3.4.2 O que perguntar ao jogo?

Demonstrada a importância e relevo que o *scouting* da equipa adversária tem no processo de treino e por consequência, no rendimento de uma equipa no jogo, enquanto observador e analista é muito importante saber o que perguntar ao jogo, para evitar que o nosso foco se desvie para coisas menos importantes ou irrelevantes.

Gutierrez (2009), afirma que o analista de desempenho deverá vivenciar o dia-a-dia da equipa, receber diretrizes sobre a informação que é importante recolher e analisar, no sentido de direcionar a atenção para o que é fundamental no sentido de otimizar o rendimento específico da equipa. Afonso (citado por Ribeiro, 2009) diz que, prioritariamente devemos "...ir de encontro aos anseios e expectativas da equipa técnica.... Sabem exatamente o que observar, porque percebem e dominam os princípios metodológicos do treino...". Nesta linha de raciocínio, Carling (et al., 2005), afirma ser de extrema importância definir antecipadamente o que se pretende observar do jogo do adversário.

Segundo Garganta (2001), para se obter um profundo conhecimento do adversário existem fatores que têm de ser tidos em consideração na observação:

- Caracterização do desenvolvimento da fase ofensiva
- Caracterização do desenvolvimento da fase defensiva
- Caracterização do desenvolvimento da transição ofensiva (defesa-ataque)
- Caracterização do desenvolvimento da transição defensiva (ataque-defesa)
- Caracterização dos esquemas táticos (bolas paradas)

Dentro de cada um destes momentos no jogo é importante definir questões/problemas que nos auxiliem na interpretação dos mesmos.

Segundo Garganta & Barreira (2017) para que uma análise a uma equipa seja completa, tem de responder aos seguintes pontos:

Organização Ofensiva:

- Estrutura ofensiva e dinâmicas (escalas)
- Tipo de construção: direta vs. Indireta
- Canais de saída e de ligação
- Circulação da bola e dos jogadores
- Número de elementos envolvidos em profundidade
- Referências (etapas de construção, criação e finalização)
- Jogadores em equilíbrio defensivo
- Relações numéricas / distribuição de jogadores (zona de finalização/ linhas ou zonas)

Transição Defensiva

- Configuração ofensiva (pré-perda de bola)
- Prioridade (s) após perda de bola (1º momento)
- Reação (tempo / número de jogadores) à perda de posse de bola
- Zonas de perda de posse de bola
- Reorganização defensiva
 - ➔ Tempo
 - ➔ Espaços prioritários
 - ➔ Espaços Vulneráveis

Organização Defensiva:

- Estrutura / Configuração defensiva e dinâmicas
- Método de jogo defensivo utilizado
- Início de pressão e zonas de intensificação
 - ➔ Pressing independente / zonas / jogadores?
 - ➔ Vaga / Bloco ?
 - ➔ 1º linha de pressão superada : comportamento de 2ª / 3ª linhas?
- Relações setoriais e intersectoriais

- Jogadores em equilíbrio ofensivo (vigilância)

Transição Ofensiva:

- Configuração ofensiva (pré-recuperação de bola)
- Prioridade (s) após recuperação de bola (1º momento)
- Zonas de recuperação da posse de bola
- Referências de ligação
- Número de elementos envolvidos em profundidade
- Tempo para chegar ao último terço/zonas de finalização

Esquemas Táticos Ofensivos:

- Aberto / Fechado
- Decisão: direto / indireto (curto)
- Número de jogadores: Batimento e Referências (cruzamento e remate) / Zonas
- Movimento de aclaramento ou bloqueio
- Capacidade nos duelos: impulsão / velocidade
- Organização na zona de Finalização
- Organização em zonas médias / 2º bola
- Organização em zona recuada / vigilância
- Gestão de profundidade pelo Guarda-redes
- Jogadores especialistas (Lateralidade)

Esquemas Táticos Defensivos:

- Marcação Zonal / Individual / Mista? Quantos e quais jogadores?
- Dinâmica (Diret / Indireto)
- Adaptabilidade à estratégia de abertura
- Bloqueios / Agressividade
- Barreira: nº de jogadores / organização / reação
- Jogadores (jogo aéreo / velocidade deslocamento) e zonas referência

- Capacidade do Guarda-redes no jogo aéreo / Relação com os colegas de equipa
- Organização na zona média (2ª bola + preparação da transição ofensiva)
- Organização na zona adiantada + Transição (Tempo e estratégia de abertura).

Segundo Ventura (2013), para além dos aspetos acima mencionados, os treinadores também procuram saber:

- As substituições feitas e as alterações na dinâmica da equipa que as mesmas provocam
- Comportamento da equipa em função do resultado
- Definir padrões de rendimento relacionando os mesmos com o local de jogo (visitado/visitante)
- Caracterização dos jogadores referência.

3.4.3 Análise Quantitativa ou Análise Qualitativa? Quantidades de Qualidade.

O jogo de futebol é caracterizado pela sua complexidade, que torna difícil objetivar a sua observação e análise (Sarmiento, Anguera et al., 2014).

Segundo O'Donoghue (2009), a análise da performance exclusivamente quantitativa nem sempre permite explicar os contextos, principalmente aqueles que, pela sua complexidade, podem possuir um conjunto de justificações para os dados recolhidos. O mesmo autor (2015) afirma que, os dados qualitativos são tipicamente complexos e incluem padrões visuais, imagens vídeo, palavras, sentimentos, pensamentos e emoções. Assim, a análise qualitativa tem ganho importância para as ciências do desporto, como forma de entender aspetos aparentemente

não mensuráveis através de procedimentos quantitativos (Sarmiento et al. 2013)

Análise qualitativa	Análise quantitativa
Subjetiva	Objetiva
Opinião	Facto
Julgamento	Medida
Com base na experiencia e competência	Com base numa orientação prévia
Interpretação	Análise estatística
Processo flexível	Processo Fixo

TABELA 3 - DIFERENÇAS ENTRE MÉTODOS QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS, TRADUZIDO O'DONOGHUE, (2015).

Vários autores apontam as várias limitações que uma análise quantitativa de eventos pode ter. A tabela 4 apresentada apresenta essas mesmas limitações.

Autores	Limitações da análise do jogo quantitativa
Bisovets et al. (1991)	A estimação quantitativa das variáveis apresenta grandes variações sendo por isso necessário recolher uma grande amostra para estabelecer uma fiabilidade estatística dos resultados
Eom e Schutz (1992)	A redução e síntese dos dados e valores numéricos sobre a percentagem de sucesso ou insucesso de determinadas ações, embora interessantes para o adepto desportivo, oferecem muito pouca informação ao treinador e jogador
Grinvald (1999)	O desenvolvimento de um jogo e seus aspetos condicionantes não se podem quantificar matematicamente já que os efeitos produzidos de determinados fatores podem ser descurados por serem impossíveis de quantificar.

Hughes e Bartlet (2002)	A apresentação de forma isolada de uma simples série de dados pode oferecer uma impressão distorcida da performance ao ignorar outras variáveis, mais ou menos importantes.
Borrie et al. (2002)	A performance desportiva consiste numa série complexa de inter-relações entre uma variedade de variáveis, por isso a simples frequência dos dados não é capaz de capturar a totalidade da complexidade da performance.
Joyce (2002)	A análise estatística é incapaz de indicar os momentos que definem o jogo.
Marques (2002)	<p>Apenas mostra o que os jogadores fazem no jogo, não identifica o que eles não fazem e deveriam ter feito</p> <p>A observação incide sempre sobre o que o portador da bola faz, deixando de parte a influência que os restantes colegas tiveram no sucesso ou insucesso da sua ação</p> <p>Nunca são considerados fatores influenciadores, como os de liderança dentro da equipa, estado de motivação, ambientes psicológicos que se vão criando ao longo do jogo e que dependem dos diversos momentos em que as ações ocorrem, influência do público, etc.</p> <p>As equipas e os jogadores são sempre avaliados independentemente das prestações da equipa adversária</p> <p>É difícil definir uma relação direta entre os dados e o facto de se ter perdido ou ganho o jogo</p>
Jonsson (2003)	A análise da frequência de ocorrência de ações é inadequada pois a performance desportiva consiste numa complexa serie de inter-relações de um vasto leque de variáveis e a simples quantificação dos dados apenas pode fornecer uma visão relativamente superficial do desempenho dos jogadores.

TABELA 4 - LIMITAÇÕES DA ANÁLISE DE JOGO QUANTITATIVA (ADAPTADO SILVA, 2006 CITADO POR GAMA ET AL. 2017)

Concluindo, segundo Silva (2011), é possível perceber que a maioria dos treinadores considera ser útil a combinação de uma análise qualitativa (padrões de jogo) com uma análise quantitativa mas, uma análise qualitativa poder ser independente de uma análise quantitativa e

ao contrário, não é verdadeiro. Garganta (2017) esclarece, a resposta é: quantidades de qualidade.

3.4.4 Observação direta vs Observação Indireta

No início das observações, no âmbito da análise do adversário, eram realizadas ao vivo, sem exceção, porém caracterizavam-se por pouco regulares e impressionistas (Garganta, 2000) mas, com o avanço da tecnologia e investimento no futebol, a observação direta começou a ser substituída por sistemas informáticos especializados capazes de tratar dados de jogo em tempo real (Lopes, 2005)

Ventura (2013) defende que existem três vertentes diferentes de observação: Observação Direta, Observação Indireta e a Observação Mista.

A observação direta refere-se á observação *in loco* (Ventura, 2013), a maior parte dos treinadores dão prioridade a este tipo de observação, uma vez que oferecem a possibilidade de ter uma perspetiva unitária sobre o bloco completo da equipa observada, característica que a filmagem comercial que as plataformas de armazenamento de jogos não auferem. Para além desta abordagem técnico-tática também gostam de compreender e descrever o ambiente onde vão jogar (caso seja como visitante), traçar o perfil do treinador com base no comportamento dele, definir o perfil do adepto, em suma, retirar do ambiente em volta do jogo todos os fatores que possam ser relevantes e influenciadores na performance da equipa.

A observação indireta ou observação em indeferido é efetuada a partir de vídeos, DVD e outros softwares informáticos, ou seja, não é uma observação presencial. Este tipo de observação tem como maior vantagem a capacidade que oferece ao analista de manipular as ações no tempo, oferecendo a possibilidade de ver e rever os lances pertinentes

quantas vezes forem necessárias, normalmente são usadas como complemento da observação direta como forma de suprir qualquer pormenor que tenha suscitado dúvidas (Ventura, 2013)

No que diz respeito aos sistemas de análise de jogo utilizados pelos treinadores, a maioria utiliza um método misto de observação (combinação da observação em tempo real e observação com manipulação do tempo), que é para Rocha (1996) o mais rigoroso e o que permite uma melhor identificação das características que se procuram.

3.5 Ciclo de tarefas do Treinador / Analista

Já percebemos, pelo quadro conceptual acima apresentado, que, o Jogo, o Treino e a Análise de Jogo e do Treino não têm qualquer grau de independência uns dos outros, pelo contrário, têm uma relação de causalidade muito alta, onde o conteúdo e a abordagem de um, tem grande influência nos outros. Vázquez (2012) refere que a análise da própria equipa procura “medir” até que ponto os jogadores cumpriram com o plano de jogo previamente definido e treinado. Como refere Garganta (2000), depois de consolidada e assegurada a coerência no processo de treino com vista a uma forma de jogar, alicerçada no modelo e conceção de jogo do treinador, informações sobre o adversário poderão ser oportunas no reajuste e condicionamento de alguns exercícios específicos na padronização semanal.

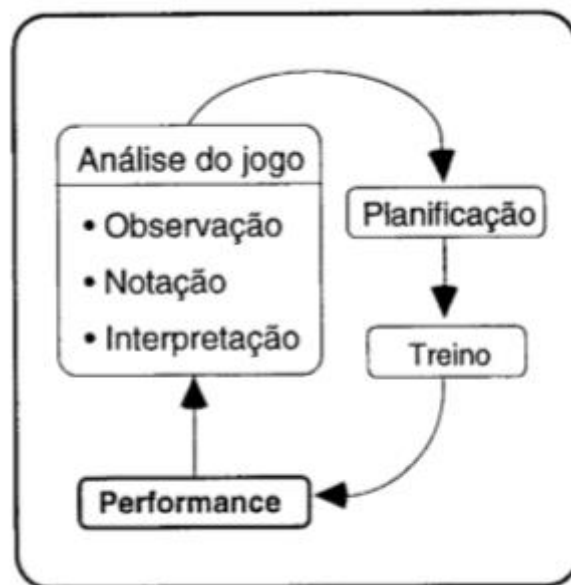


FIGURA 5 - RELAÇÃO CÍCLICA ENTRE ANÁLISE, TREINO E PERFORMANCE

Depois da observação devem analisar as forças e as fraquezas do adversário e interpretar essas características comportamentais com o modelo de jogo e jogadores da equipa. Esta interpretação corresponde a uma etapa fundamental em que se deve incorporar as conclusões do processo de observação e análise do adversário na planificação estratégico-tática e na programação do treino, transmitindo deste modo as informações mais relevantes aos jogadores (Lopes, 2005; Sarmiento, Pereira et al., 2014).

As tarefas de um Analista / Observador, segundo Garganta & Barreira (2017), passam por:

- Propor e operacionalizar um modelo operativo de análise Específico (do Treinador/Equipa e respetiva conceção de jogo);
- Encontrar regularidades na forma de jogar das equipas e dos jogadores;
- Qualificar e quantificar o rendimento manifestado pelos participantes no jogo, nas várias escalas de rendimento;

- Interpretar o observado – apresentar nuances estratégicas para a aplicação em treino da informação recolhida.

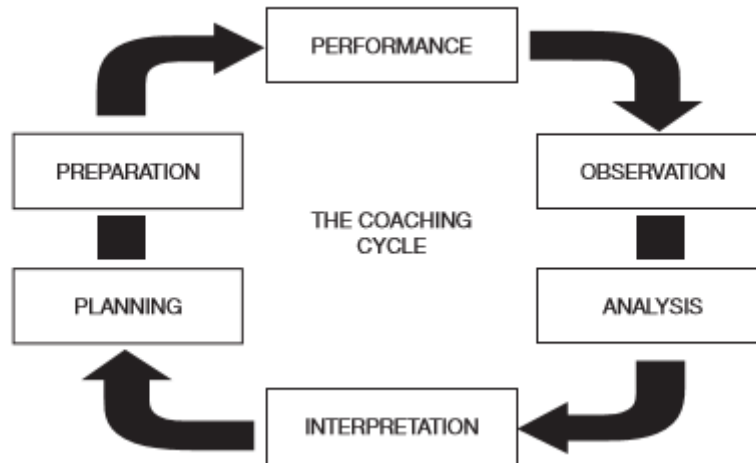


FIGURA 6 - THE COACHING CYCLE, HIGHLIGHTING THE IMPORTANCE OF OBSERVATION AND ANALYSIS, RETIRADO DE CARLING ET AL. (2005)

Concluimos então que, a preparação para a performance (treino), a performance (jogo) e o controlo de qualidade da mesma (análise) são etapas com um grau de dependência alto entre si e, fazem parte de um só processo.

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Neste capítulo pretende-se descrever de uma forma refletida e crítica a realização da prática profissional, da época 2016-2017, nos Juvenis do Rio Ave Futebol Clube que, participaram no Campeonato Nacional de Juvenis Sub-17.

Inicialmente, elenco quais as minhas tarefas e responsabilidades inerentes à função que desenvolvi durante a época desportiva, a calendarização dessa mesma atividade, apresentando um microciclo de trabalho no qual assenta a organização da minha rotina de trabalho semanal e onde ilustro um modelo de relatório de observação e análise de jogo adversário. Posteriormente descrevo o modelo de jogo idealizado que serviu de guião para a modelação do processo de treino, seguido da apresentação de um morfociclo padrão de treino.

Neste centro de estágio, o principal ponto de reflexão foi a forma como a informação que tínhamos sobre o adversário influenciou as condicionantes que colocamos no exercício de treino de maneira a que os jogadores, vivenciem um contexto com estímulos parecidos aos que vão encontrar em jogo, de forma a estarem mais perto de ter sucesso. Estas condicionantes foram sempre propostas respeitando as nossas ideias e princípios do modelo de jogo idealizado, de outra maneira seria inconcebível e contraproducente.

4.1 Atividade Principal: Observador e Analista da Equipa Adversária

No âmbito do presente estágio profissionalizante a principal função e tarefa desempenhada foi a observação e análise das equipas adversárias dos juvenis do Rio Ave Futebol Clube que participaram no Campeonato Nacional de Juniores B – Sub 17.

Antes de elencar as responsabilidades inerentes à atividade que desempenhei nesta época desportiva acho pertinente esclarecer o porquê da função que desenvolvi. Nas duas épocas transatas já fazia parte da equipa

de treinadores do departamento de formação do Rio Ave Futebol Clube (Benjamins Sub-11) e a coordenação, na pessoa do Professor Francisco Costa, sabia previamente da minha necessidade de realizar estágio profissional nesta época desportiva num contexto de Campeonato Nacional. Assim sendo, o plano inicial era integrar a equipa técnica dos Juvenis Sub-17 no papel de um dos treinadores adjuntos. Com o desenrolar da transição de uma época desportiva para a outra, surgiu a oportunidade de assumir, como treinador principal, uma das equipas de Futebol de 11 no escalão de Infantis. Aceitei o desafio e, paralelamente, desenvolvi a função de observador e analista dos adversários da equipa de sub-17 do Rio Ave. Não foi uma decisão fácil de ser tomada pois sempre tive a expectativa de viver, preparar, adaptar diariamente as sessões de treino num contexto superior em relação ao que, até então, havia experimentado, mas, como esta proposta de cargo de treinador principal ia de encontro às minhas expectativas de futuro no futebol, aceitei-a e decidi abdicar da possibilidade de integrar a equipa técnica de juvenis sub-17 como um dos treinadores adjuntos para ocupar a posição de observador e analista dos adversários da mesma.

Esta posição teve funções e responsabilidades adjacentes que passo a elencar:

- Função principal: Observador e Analista dos adversários no Campeonato Nacional de Juniores B – Juvenis
- Funções adjacentes: Observação *in loco* dos nossos adversários; filmagem do jogo em causa; elaboração de relatórios semanais com uma caracterização qualitativa e fundamentada com vídeo dos nossos adversários; corte e edição das imagens do jogo do adversário para posteriormente mostrar aos atletas
- Função paralela: Treinador Principal do escalão de S12 que participa na 2ª divisão do Campeonato Distrital de Associação de Futebol do Porto; Scouting de Jogadores: referenciar e indicar potenciais reforços para os nossos quadros de formação

4.1.1 Calendarização da atividade

Em conjunto com a equipa técnica, Mister Luís Silva, Mister Queiroz e o Professor José Martins, definimos os jogos que ia observar tendo em conta a data do nosso encontro com essa mesma equipa e a condição (visitante ou visitado) de que íamos encontrar no contexto de jogo. Concluimos que, para que estes requisitos fossem cumpridos, na maior parte das vezes, a observação dos nossos adversários teria de ser duas semanas antes do nosso encontro com os mesmos.

4.1.1.1 Mesociclo de Observação nº 1

O mesociclo abaixo representado é referente ao período competitivo da 1ª fase do Campeonato Nacional de Juvenis – Série A.

Mês Dia	Agosto	Setembro	Outubro
1			
2			SC Braga x GD Chaves
3			
4		Paços de Ferreira x SC Braga	
5			
6			
7			
8			
9			AD Barrocelas x SC Braga
10		SC Braga x Gil Vicente	
11			
12			
13			
14	Merelinense x Moreirense		
15			
16			SC Braga x Vitória SC
17		Paragem para seleções	
18			
19			

20	SC Braga x Varzim SC		
21			
22			
23			Vitória SC x Moreirense
24			
25		Palmeiras x SC Braga	
26			
27	Paragem para seleções		
28			
29			Moreirense x GD Cachão
30			
31			

TABELA 5 - MESOCICLO DE OBSERVAÇÃO Nº1

4.1.1.2 Mesociclo de Observação nº 2

O mesociclo 2 é referente ao período em que decorreu a 1ª volta da 2ª fase do Campeonato Nacional de Juvenis – Zona Norte.

Dia	Mês	
	Dezembro	Janeiro
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		SC Braga x Palmeiras
9		
10		
11	FC Porto x Académica Coimbra	
12		
13		
14		
15		Vitória SC x Padroense
16		
17		
18	Anadia x SC Braga	
19		
20		
21		
22		Palmeiras x FC Porto
23		
24		
25		
26		
27		
28		
29		
30	Académica x Vitória SC	
31		

TABELA 6 - MESOCICLO DE OBSERVAÇÃO Nº2

4.1.1.3 Mesociclo de Observação nº 3

Este período de observação é referente à 2ª volta da 2ª fase do Campeonato Nacional de Juvenis – Zona Norte.

Mês Dia	Janeiro	Fevereiro	Março
1			
2			
3			
4			
5		Académica x FC Porto	Palmeiras x SC Braga
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12		Paragem para seleções	Padroense x Vitória SC
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19		SC Braga x Anadia	
20			
21			
22			
23		Vitória SC x Académica	
24			
25			
26	Anadia x Padroense		
27			
28			
29		Académica x FC Porto	Palmeiras x SC Braga
30			
31			

TABELA 7 - MESOCICLO DE OBSERVAÇÃO Nº 3

4.1.2 Microciclo de Observação

Com a necessidade de manter uma rotina de trabalho consistente e organizada, criei o meu próprio microciclo semanal de realização do relatório de observação e análise do adversário. Em baixo, ilustro a tabela que esquematiza a minha organização e rotina semanal de trabalho.

	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Manhã	→Observação direta do adversário	→Nova visualização do vídeo do jogo e registo dos tempos de corte dos momentos de jogo relevantes	→Edição de vídeo e análise informa dos vários momentos de jogo	→Elaboração e montagem do relatório de observação final				→Observação direta do adversário
Tarde	→Envio do vídeo para equipa técnica →Visualização do vídeo do jogo	→Realização dos cortes	→Edição de vídeo e análise informa dos vários momentos de jogo. →Envio dos momentos de jogo cortados e editados	→Elaboração e montagem do relatório de observação final →ENTREGA →Informar na secretaria onde vai ser a próxima deslocação		→Apresentação do relatório à equipa.		

TABELA 8 - MICROCICLO DE OBSERVAÇÃO

- 1º dia, Domingo – Dia da observação direta do adversário, realização da viagem desde Vila do Conde com um transporte cedido pelo clube, esta cedência requer um aviso prévio junto da secretaria do Departamento de Formação do local e horário da deslocação para o pedido ser submetido

a uma autorização da direção. Verifico sempre a morada do local do jogo no site da Federação Portuguesa de Futebol e, por conseguinte, a duração da viagem, de maneira a chegar ao local do jogo 30 minutos antes do jogo começar para escolher um sitio privilegiado para ver e filmar a partida de uma forma calma e atenta e, para assistir ao aquecimento das equipas, sendo o momento ideal para recolher informações como estado do relvado, a bola, as ausências inesperadas, o árbitro,...etc. Tento sempre filmar os primeiros 20 minutos de cada parte e observar os restantes, exceto os lances de bola parada que tento captar imagens de todos. Da parte de tarde, envio o vídeo do jogo, via www.wetransfer.pt para toda a equipa técnica para que, se acharem oportuno, possam visualizar todas as imagens disponíveis sobre o adversário. Ainda no Domingo á tarde faço a 1ª observação indireta do adversário, via filmagem, e acrescento informação às anotações que fiz durante o jogo.

- 2º dia, Segunda-Feira – Dia da 2ª observação indireta ao adversário com anotação dos tempos de cortes de todos os momentos de jogo (Organização Ofensiva, Organização Defensiva, Transição Ofensiva, Transição Defensiva, Bolas Paradas) com conteúdo de relevante; ainda nesse dia, de tarde realizo os cortes de vídeo usando Windows Movie Maker.
- 3º dia, Terça-Feira – Da parte da manhã ocupo o meu tempo com a edição do vídeo dos cortes que realizei no dia anterior, utilizo Windows Media Player para juntar todos os cortes em vídeos divididos por momentos de jogo, utilização do CoachPaint para a edição animada dos vídeos quando pertinente, e realização de *screenshots* a imagens oportunas dos vários momentos de jogo para ainda nesta tarde editar em Windows Paint e servir de apoio ao relatório de observação
- 4º dia, Quarta-Feira, Montagem do relatório final a enviar á equipa técnica e a apresentar aos jogadores, uso de texto, imagens e vídeo. Utilização do PowerPoint para montar a apresentação.
- 6ª dia Sexta-Feira, apresentação do relatório aos jogadores

Para além das imagens que eu próprio captei no jogo, tinha sempre a preocupação de, contactar elementos de equipas técnicas de outros clubes e tentar propor a troca de vídeos de jogo, normalmente essa troca é feita entre instituições com objetivos competitivos distintos dos nossos, para evitar conflitos de interesse. Também procuro resumos dos jogos que vários clubes colocavam nos seus sítios oficiais, youtube, zerozero, ou outros sítios na Internet. Tudo o que achasse pertinente e com conteúdo relevante utilizava.

4.1.3 Exemplo ilustrativo de um relatório de observação

Apresento aqui um exemplo ilustrativo do formato e conteúdo dos relatórios que elaborei esta época referente à equipa dos Juniores B do Futebol Clube do Porto com vista à preparação da 1ª jornada da 2ª Fase Zona Norte.

Este relatório tem por base a literatura revista e apresentada no capítulo 3 do macro contexto conceptual mas, sempre tendo em conta os constrangimentos que a realização da prática me proponha, descritas e analisadas no subcapítulo “dificuldades encontradas e estratégias de intervenção”.



FIGURA 7 - INFORMAÇÃO BÁSICA DO JOGO E EQUIPA EM OBSERVAÇÃO



FIGURA 8 - EQUIPA PROVÁVEL E INFORMAÇÃO EXTRA PERTINENTE

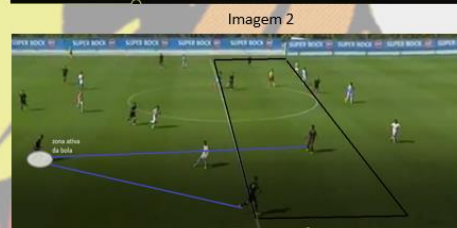
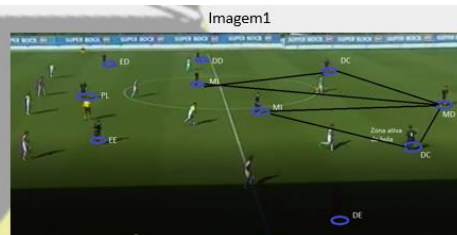


FIGURA 9 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DA EQUIPA – MACRO PRINCÍPIOS OFENSIVOS E DEFENSIVOS

Organização Ofensiva (vídeo 1)

Caraterísticas:

- Na primeira fase de construção ofensiva, formam uma linha de três com o Paulo Moreira a cair no meio dos centrais, tentando criar espaço (trocas de bola em largura e apoios frontais com o interiores) para que um dos três homens mais recuados progrida no campo com bola (**Imagem 1**)
- **Paulo Moreira 6 muito forte a decidir e executar nesta fase!**
- **Alguns erros nos passes em apoio frontal por parte dos interiores (vídeo 2)**
- Laterais dão largura e profundidade, extremos e PL a procurar jogo interior entre linha média e defensiva (**Imagem 1**)
- Quando a bola entra neste espaço (**Imagem 2**), mudança de futebol apoiado para vertical, com movimentos de rutura no espaço, condução agressiva de bola, na tentativa de ganhar o espaço nas costas da linha defensiva,
- Se a bola entra no lateral -> extremo faz rutura para fora
- Se a bola entra no extremo (**ESPAÇO INTERIOR**) -> Coloca rapidamente no apoio em largura ou realiza movimento interior em condução à espera da rutura do PL ou outro colega (**Miguel Magalhães forte nestes movimentos**)
- Se a bola entra no Extremo (**EM LARGURA**) -> Movimento de rutura do interior do lado da bola no espaço e movimento interior de lateral
- Atenção às variações rápidas e longas de centro de jogo com o extremo a procurar muito dentro (arrastando lateral) e lateral ganhar corredor.
- Equipa cria muito perigo quando a bola entra nos apoios interiores entre linha média e defensiva, executam muito rápido nessa zona
- **Leandro Campos PL 9** peça chave nas variações de centro de jogo em apoio, e muito rápido nos movimentos de rutura, quando extremos fazem movimentos interiores com bola.



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

FIGURA 10 - ORGANIZAÇÃO OFENSIVA

Transição Defensiva (vídeo 1)

Caraterísticas:

- **Zona de perda de bola:** Zonas Altas/ Corredores
- Reação á perda muito forte coletivamente, colocam muitos homens na zona de perda da posse em pouco tempo.
- **Objetivos:** Recuperar bola em zonas altas rapidamente para dar continuidade ao momento ofensivo, ou obrigar adversário a optar por jogo direto.
- Preocupação clara em proteger lado da sua baliza
- Indicadores de pressão bem definidos: adversário de costas, fragilidades na posse.
- O momento de transição defensiva estende-se até quando a bola é colocada no GR pelo adversário (**necessária uma transição ofensiva muito rápida e bem definida coletivamente !!**)
- (**Imagens e vídeo 2**) Esta aposta clara, numa transição fortíssima, traz desvantagens: despovoamento no lado contrário da bola, bloco por vezes parte-se quando nem todos os setores reagem com a mesma intensidade á perda e a certos indicadores (principalmente setor mais adiantado do médio).



Observador: Gonçalo Teixeira

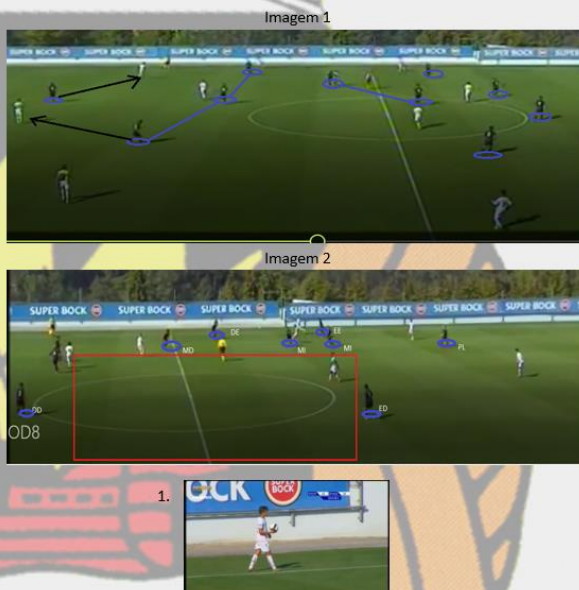
Rio Ave Futebol Clube

FIGURA 11 - TRANSIÇÃO DEFENSIVA

Organização Defensiva

Caraterísticas:

- Profundidade do Bloco : Alto
- Triângulo do meio campo inverte: 1x2 -> 2x1 (**Imagem 1**)
- O duplo pivot defensivo oferece mais capacidade de luta pela 1ª e 2ª bola, uma vez que a postura que têm é no sentido de obrigar adversário a optar pelo jogo direto
- Numa primeira fase , preocupação do Leandro Campos 9 tirar meio dos centrais “empurrando” adversário para corredor e Afonso Sousa 10 responsável pela zona 6
- Se adversário consegue variar centro de jogo por trás, extremo do lado contrário coloca-se entre central e lateral
 - > Se a bola estiver no GR mantém posição
 - > Se a bola entrar no central pressão intensa imediata
 - > Se a bola entra no lateral (passe médio/longo), tenta recuperar posição o mais rápido possível, contando com a ajuda do pivot defensivo do lado da bola se necessário (**Vídeo 1**)
- Preocupação constante com a profundidade da linha defensiva (uma vez que obrigam adversário a optar por jogo direto) liberta espaços à frente da mesma que podem ser aproveitados.
- **Lado contrário da bola com muito espaço para explorar**, densidade defensiva muito alta quando bola entra nos corredores.



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

FIGURA 12 - ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA

Transição Ofensiva

Caraterísticas:

- **Zona de recuperação da bola** : meio campo defensivo; muito devido ao facto de obrigarem adversário a optar por um jogo mais direto
- Mesmo quando conquista a bola no meio campo ofensivo muitas vezes é consequência de uma transição defensiva rápida não dando tempo ao adversário de se desorganizar defensivamente.
- Equipa que prioriza a reorganização ofensiva assim que ganha a bola, começando a sua construção ofensiva pelo centrais e mesmo pelo GR (**video1**)
- Embora menos frequente, quando têm hipótese de aproveitar a desorganização defensiva adversária com um **contra ataque** também o fazem , tentando assumir o corredor central com bola, movimentos á procura da profundidade nas costas dos laterais por parte dos extremos e diagonais muito agressivas por parte do **Leandro Campos 9** (**video 2**)



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

FIGURA 13 - TRANSIÇÃO OFENSIVA



FIGURA 14 - ESQUEMAS TÁTICOS (1/2)

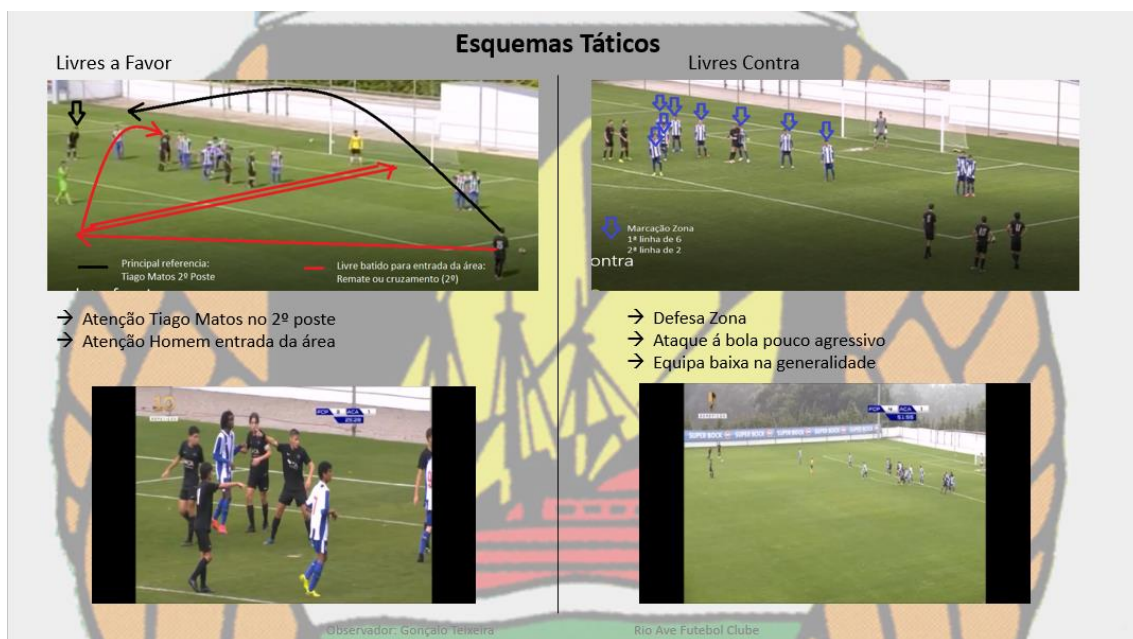


FIGURA 15 - ESQUEMAS TÁTICOS (2/2)

Jogadores Chave		
 <p>Nome: Paulo Moreira 6 Posição: Médio Defensivo</p> <p>→ Jogador com uma compreensão do jogo acima da média, decide e executa quase sempre bem mesmo quando condicionado, as variações de centro de jogo passam sempre pelos pés dele, quando tem espaço para progredir com bola influencia muito o jogo, joga com ambos os pés.</p> <p>→ Agressivo sem bola, responsável na cobertura tanto dos interiores como centrais.</p>	 <p>Nome: Afonso Sousa 10 Posição: Médio Interior</p> <p>→ Peça chave na 2ª fase ofensiva da equipa a procurar espaços entre setores médio e defensivo e definir rapidamente no ultimo terço.</p> <p>→ Sempre que vira de frente para o jogo pode criar perigo.</p> <p>→ Qualidade no passe, receção, muito agressivo a atacar o espaço com bola no pé, para atrair adversário e soltar.</p>	 <p>Nome: Leandro Campos 9 Posição: Ponta de Lança</p> <p>→ Avançado completo, perceção de quando é preciso sair do meio dos centrais e jogar em apoio, fazendo ligação na largura, e quando há espaço para atacar profundidade muito boa, primeiro toque, capacidade de receber orientado fora do normal, super rápido em todos os movimentos que faz, letal dentro da área, principalmente com bola no pé.</p>

Observador: Gonçalo Teixeira Rio Ave Futebol Clube

FIGURA 16 - JOGADORES CHAVE

4.2 Modelo de Jogo – Rio Ave Futebol Clube

O Modelo de Jogo adotado na formação do Rio Ave Futebol apresenta macro princípios e princípios transversais a todos os escalões, estes por sua vez tornam-se mais vinculados nos últimos estádios de desenvolvimento de jogadores – estádio de Aperfeiçoamento (14 aos 16 anos) e Rendimento (17 aos 19 anos).

Tendo em conta a cultura da cidade e do clube, o coordenador de formação em conjunto com as equipas técnicas dos estádios de desenvolvimento acima mencionados definiu uma forma de jogar onde as equipas fossem capazes de, no momento ofensivo (com bola), optar sempre que possível pela saída curta através dos centrais, controlar o jogo através da manutenção e circulação da posse de bola, criando desequilíbrios defensivos no adversário e consequentes situações de finalização e, no momento defensivo (sem bola) estejam preparadas para reagir rapidamente á perda da posse de bola, condicionando a progressão da mesma no campo,

impedindo o adversário de entrar em zonas centrais e de finalização, para isso defendemos num bloco alto pressionante com as zonas como referência de marcação. Todos estes momentos são encarados com caráter, rigor, exigência, espírito de grupo, sacrifício, tanto por nós, treinadores, como por atletas, em todos os contextos de performance ou preparação para a mesma (treino).

4.2.1 Caracterização Geral

Com vista à ocupação racional e equilibrada do terreno de jogo capazes de responder eficazmente às exigências do jogo baseamos o nosso trabalho num sistema tático principal (1-4-3-3) e um alternativo (1-4-4-2) e cada um apresenta a suas variâncias.



FIGURA 17 - SISTEMA PRINCIPAL (1-4-3-3)



FIGURA 18 - VARIANTE DO SISTEMA PRINCIPAL



FIGURA 19 - SISTEMA TÁTICO ALTERNATIVO



FIGURA 20 - VARIANTE SISTEMA ALTERNATIVO

Adaptado Costa (2013)

Para Oliveira (2004), devemos estruturar a concepção e operacionalização do nosso modelo de jogo baseado em quatro momentos: Organização Ofensiva, Organização Defensiva, Transição Ofensiva e Transição Defensiva. O mesmo autor defende que os diferentes momentos aparecem por ordem aleatória no decorrer do jogo, tornando-o imprevisível. O nosso papel, como treinadores, é criar princípios em vários níveis de complexidade (macro, meso e micro) no sentido de direcionar o comportamento individual e coletivo dos jogadores.

4.2.2 Organização Ofensiva

Este momento surge quando a equipa tem a posse e tem como finalidade conservar a mesma, criando desequilíbrios na organização defensiva adversária e potenciais situações de finalização.

Este momento está dividido em três sub fases: Fase de Construção, Criação de Situações de Finalização e Situações de Finalização.

Macro Princípio: Posse e circulação de bola apoiado no sentido de criar situações de finalização

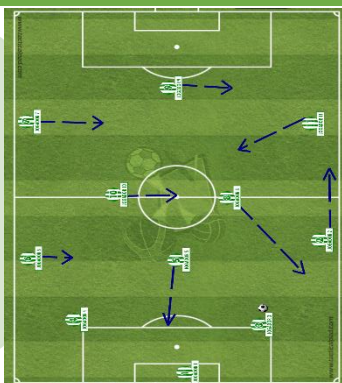
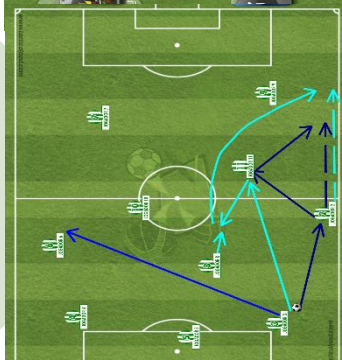
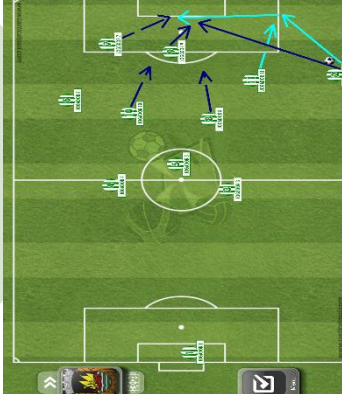
Princípios	Subprincípios	Imagem
Fase de Construção -> Jogo de posições -> Formações de várias linhas -> Formação de triângulos e losangos	<ul style="list-style-type: none"> • Centrais em largura. • Defesas Laterais criam largura e profundidade. • Superioridade numérica na zona da bola. • Médios exploram espaços entre linhas e progridem com bola se for possível. • Referência em apoio dos extremos (jogo interior), quando acontece interiores por fora • Exploração da profundidade se for propício. 	
Criação de Situações de Finalização -> Jogo de posições -> Velocidade na circulação -> Variação do Centro de Jogo	<ul style="list-style-type: none"> • Subida da linha defensiva (Bloco Coeso) • Exploração de espaços entre setores • Referências de saída de pressão na largura • Jogo em apoio e penetrações • Exploração da profundidade se for propício. • Criar situações de superioridade numérica nos três corredores 	
Situações de Finalização -> Verticalidade -> Velocidade de execução e decisão	<ul style="list-style-type: none"> • Subida da linha defensiva e linha média (bloco coeso pronto para perda de posse de bola) • Médios Defensivo pronto segunda bola • Chegada dos médios interiores à zona de finalização • Mobilidade do PL e EC na procura dos espaços, Extremo ataca primeiro poste e PI segundo poste 	

Tabela 9 - Modelo de Jogo: Organização Ofensiva

4.2.3 Transição Defensiva

Este momento refere-se ao comportamento que os jogadores devem adotar momentos depois de perderem a posse de bola. Os comportamentos que preconizamos para este momento dependem, mais uma vez, da zona onde perdemos a bola e tem como principais objetivos o impedimento que o adversário progrida com bola no campo e se possível, proceder á recuperação da mesma e retomar o controlo do objeto de jogo.

Macro Princípio: recuperar a bola ou evitar progressão da mesma reorganizando defensivamente

Princípios

Subprincípios

Imagem

Zona Intermediária (1º e 2º terço defensivo)

- > Reduzir tempo e espaço de decisão e execução
- > Obrigar a jogar para trás

- Retirar largura e profundidade
- Pressão imediata no 1º portador da bola e coberturas mais próximas.
- Realizar contenção para evitar ser ultrapassado.
- Condicionar decisão
- Reorganização defensiva, protendendo zona central

Zona de Finalização (3º terço defensivo)

- > Reduzir tempo e espaço de decisão e execução
- > Entrar em organização defensiva

- Retirar largura e profundidade
- Pressão imediata no 1º portador da bola
- Realizar contenção para a equipa reorganizar defensivamente.
- Evitar Progressão adversária no campo.
- Recorrer a falta se necessário



TABELA 10 - MODELO DE JOGO: TRANSIÇÃO DEFENSIVA

4.2.4 Organização Defensiva

Este momento é caracterizado pela tentativa de impedimento que o adversário progride com bola no campo, direcionando o ataque para zonas longe da nossa baliza e evitando situações de golo adversário.

Novamente, para a melhor sistematização de princípios vamos dividir o nosso momento defensivo em três fases: condicionar 1ª construção, Evitar Criação de Situações de Finalização e Evitar Finalização.

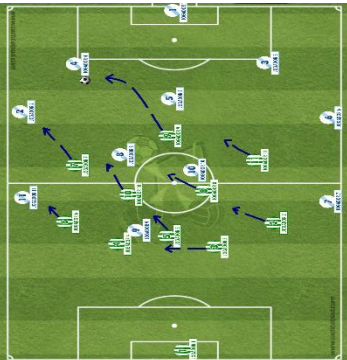


Macro Princípio: Defesa Zonal proactiva com bloco médio alto		
SubPrincípios	Subsubprincípios	Imagem
Condicionar 1ª construção -> Bloco alto -> Campo Curto e estreito -> Fechar espaços -> Bloco coeso	<ul style="list-style-type: none"> • Pressionar linha defensiva adversária • Médio interior pressiona central com PL e o outro fecha no 6. • Linha defensiva e média sobem, e formam bloco compacto retirando espaço entre setores • Linha defensiva em linha mas pronto para possibilidade profundidade 	
Evitar Criação de Situações de Finalização -> Campo estreito -> Fechar espaços -> Agressividade e coberturas	<ul style="list-style-type: none"> • Obrigar o adversário a jogar por fora do bloco defensivo ou longo • Coberturas ao homem que está a pressionar o portador da bola. • Extremos dividem espaço interior e exterior • Médio interior que saiu no central no 1ª fase volta à sua posição inicial rapidamente. • Defesa Lateral contrário ao lado da bola desempenha papel de 3º central 	
Evitar Finalização -> Fechar espaços -> Agressividade coberturas -> Evitar cruzamento	<ul style="list-style-type: none"> • Contenção no 1vs1 defensivo para evitar cruzamento • Coberturas rápidas e agressivas na zona central • Médio mais recuado ajusta nos centrais • Médios interiores: Atenção às 2ª bolas • Avançado sempre pronto para eventual recuperação de bola 	

TABELA 11 - MODELO DE JOGO: ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA

4.2.4.1 Indicadores de Pressão

Indicadores de Pressão	<ul style="list-style-type: none">• Jogador que recebe a bola de costas para a nossa baliza;• Jogador que se vira de costas para a nossa baliza;• Jogador que recebe um passe pelo ar (curto ou longo);• Jogador que faz uma má recepção (coloca o olhar sobre a bola);• Sempre que a bola entre no interior do bloco defensivo da equipa;• Sempre que a bola entra num dos corredores laterais;• Bola atrasada
-------------------------------	---

TABELA 12 - INDICADORES DE PRESSÃO

4.2.4.2 Indicadores de profundidade de bloco

Indicadores de Subida de bloco defensivo	<ul style="list-style-type: none">• O adversário joga para trás e a equipa sobe;• O adversário joga para o lado e a equipa sobe;• Um jogador da equipa adversária recebe de costas e a equipa sobe;• Tendo sempre a atenção de ler a subida dos colegas, sempre em sintonia
Indicadores de não subida de bloco defensivo	<ul style="list-style-type: none">• Sempre que o adversário está em condições de colocar a bola nas costas, organizamos e fechamos as linhas;• Adversário com bola controlada e com oportunidade de poder efectuar passe longo.

TABELA 13 - INDICADORES DE SUBIDA E NÃO SUBIDA DE BLOCO DEFENSIVO

4.2.5 Transição Ofensiva

Este momento do jogo remete-nos para o momento em que recuperamos a bola. Preconizamos que os jogadores sejam capazes de tirar a bola da zona de pressão momentânea que o adversário vai realizar, variando o centro de jogo para áreas menos povoadas por oponentes.

Os jogadores terão de ser capazes de decidir se optam por manter a posse de bola e entrar em organização ofensiva ou, se procuram rapidamente a verticalidade explorando os espaços que possam existir entre os elementos da equipa adversário, dependendo do número de jogadores que estiverem atrás da linha da bola e do nível de organização/desorganização do adversário.

Macro Princípio: Procurar o golo ou manutenção da posse de bola.

SubPrincípios

Subsubprincípios

Imagem

Com adversário desorganizado

-> Procurar tirar a bola da zona de recuperação
-> Verticalidade

- Exploração de profundidade
- Movimentos de apoio e de rutura
- Ocupação dos três corredores
- Criação de linhas de passe em progressão
- Condução de bola de forma inteligente

Com adversário equilibrado

-> Procurar tirar a bola da zona de recuperação
-> Campo tão grande quanto possível

- Exploração de largura
- Defesas laterais bem abertos
- Criação de coberturas ofensivas entre linhas de pressão dificultando a reação à perda por parte do adversário
- Criação de linhas de passe fora do centro de jogo e seguras



Tabela 14 - Modelo de Jogo: Transição Ofensiva

4.3 Modelo de Treino Juvenis Sub17 – Morfociclo Padrão

O planeamento semanal de treinos no futebol de formação é sempre condicionado por série de fatores que não controlamos mas com quais temos de lidar, o Rio Ave Futebol Clube, não é exceção. Alguns fatores como: espaços de treino disponível, a coordenação simultânea do espaço de campo com outros escalões, o material disponível, os horários escolares dos jogadores entre outros, fazem toda parte da equação do planeamento semanal. Graças às condições de treino que temos e à organização por parte da coordenação do clube com a secretaria, no início de todas as semanas recebemos no nosso endereço de correio eletrónico pessoal um plano de treinos que contempla os fatores acima elencados.

Os dias de treinos podem variar semanalmente, os mesmos dependem do dia da competição, do facto dos Seniores jogarem em casa a meio da semana para as competições europeias, taça de Portugal, taça da liga ou liga portuguesa, neste último caso se o jogo for à sexta, mas na maioria das semanas os Juvenis Sub-17 do Rio Ave Futebol Clube costumam treinar às terças, quartas e sextas das 19.30H às 21.00H e às quintas das 18.30H às 20.00H. No treino de terça-feira o escalão de sub-17 tem disponível 1/3 até às 20H e o campo Nº2 todo até às 21H; na quarta-feira usufrui 1/2 até às 20H e o campo Nº1 todo até às 21H; na quinta-feira temos disponível o campo Nº2 todo até às 19.00H e 2/3 do mesmo até as 20.00H e por fim sexta-feira treinamos 1/2 do campo Nº2 até às 20H e 2/3 do mesmo campo até ao final do treino. Todos os espaços disponíveis dão para atingir os objetivos programático de todas as unidades de treino.

Em baixo, ilustro um exemplo do documento que os treinadores recebem todas as semanas com os espaços de treinos respetivos de cada escalão.

Rio Ave Futebol Clube PLANO DE TREINOS

**16 de janeiro de 2017 -
22 de janeiro de 2017**

janeiro 2017							fevereiro 2017						
S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D
2	3	4	5	6	7	8	6	7	8	9	10	11	12
9	10	11	12	13	14	15	13	14	15	16	17	18	19
16	17	18	19	20	21	22	20	21	22	23	24	25	26
23	24	25	26	27	28	29	27	28					
30	31												

16 de janeiro

SEGUNDA-FEIRA

17:30 - 19:00 S-19-S-18 Treino (Campo nº2)
18:00 - 19:00 SUB-10 - (Treino) (Campo nº1 até às 18h30 e 1/2 após)
18:30 - 20:00 S-11 (Treino) (1/2 Campo nº1 até às 19h30 e 1/4 após)
19:00 - 20:30 S-12 - Treino (F7) (1/2 Campo nº1 até às 19h30 e 1/4 após)
19:00 - 20:30 S-13B - Treino (Campo nº2 até às 19h30 e 1/3 após)
19:30 - 21:00 S-13A - Treino (1/3 Campo nº2 até às 20h30 e 1/2 após)
19:30 - 21:00 S-14 Treino (1/4 Campo nº1 até às 20h, 1/3 até às 20h30 e 1/2 após)
19:30 - 21:00 S-15 Treino (1/4 Campo nº1 até às 20h, 1/3 até às 20h30 e 1/2 após)
19:30 - 21:00 Sub-16 - Treino (1/3 Campo nº2 até às 20h30 e 1/2 após)

17 de janeiro

TERÇA-FEIRA

17:30 - 19:00 S-19-S-18 Treino (Campo nº2)
18:00 - 19:30 Escolas (2/3 Campo nº1)
18:00 - 19:00 SUB-10 - (Treino) (1/3 Campo nº1)
19:00 - 20:00 S-11 (Treino) (1/2 Campo nº2 até às 19h30 e 1/3 após)
19:00 - 20:00 S-12 - Treino (F7) (1/2 Campo nº2 até às 19h30 e 1/3 após)
19:30 - 21:00 S-14 Treino (1/2 Campo nº1)
19:30 - 21:00 Sub-16 - Treino (1/2 Campo nº1)
19:30 - 21:00 Sub-17 - Treino (1/3 Campo nº2 até às 20h e Campo nº2 após)

18 de janeiro

QUARTA-FEIRA

17:30 - 19:00 S-19-S-18 Treino (Campo nº2)
18:30 - 20:00 S-14 Treino (1/2 Campo nº1 até às 19h, 2/3 Campo nº2 até às 19h30 e 1/3 após)
18:30 - 20:00 S-15 Treino (1/2 Campo nº1 até às 19h, Campo nº1 até às 19h30 e 1/2 após)
19:00 - 20:30 S-13B - Treino (1/3 Campo nº2 até às 20h e 1/2 após)
19:30 - 21:00 S-13A - Treino (1/3 Campo nº2 até às 20h, 1/2 até às 20h30 e Campo nº2 após)
19:30 - 21:00 Sub-17 - Treino (1/2 Campo nº1 até às 20h e Campo nº1 após)

19 de janeiro

QUINTA-FEIRA

17:00 - 18:30 S-19-S-18 Treino (Campo nº2)
18:00 - 19:30 Escolas (Campo nº1)
18:30 - 20:00 Sub-17 - Treino (Campo nº2 até às 19h e 2/3 após)
19:00 - 20:30 S-12 - Treino (1/6 Campo nº2 até às 20h e 1/2 após)
19:00 - 20:00 S-11 (Treino) (Parque de Jogos)
19:00 - 20:00 SUB-10 - Treino (Caxinas)
19:30 - 21:00 S-13A - Treino (1/3 Campo nº1 até às 20h30 e 1/2 Campo nº2 após)
19:30 - 21:00 S-15 Treino (1/3 Campo nº1 até às 20h30 e Campo nº1 após)
19:30 - 21:00 Sub-16 - Treino (1/3 Campo nº1 até às 20h30 e 1/2 Campo nº2 após)

20 de janeiro

SEXTA-FEIRA

17:30 - 19:00 S-19-S-18 Treino (Campo nº2)
18:30 - 20:00 S-14 Treino (1/2 Campo nº1 até às 19h, Campo nº2 até às 19h30 e 1/2 após)
18:30 - 20:00 Sub-16 - Treino (1/2 Campo nº1 até às 19h, Campo nº1 até às 19h30 e 1/2 após)
19:30 - 21:00 S-15 Treino (1/2 Campo nº1 até às 20h e Campo nº1 após)
19:30 - 21:00 Sub-17 - Treino (1/2 Campo nº2 até às 20h e Campo nº2 após)

21 de janeiro

SÁBADO

09:00 - 10:00 14ª Jornada Traquinas - Leixões S.C. Vs RAFC (Matosinhos)
09:30 - 11:30 Encontro Traquinas B (Candal)
10:00 - 11:00 12ª Jornada Sub-10/11 - RAFC Vs ND Col Ermesinde (Vila do Conde)
11:00 - 12:00 2ª Jornada Sub-11 - RAFC Vs F.C. Porto (Vila do Conde)
15:00 - 17:00 15ª Jornada Sub-13 2ª Divisão - Ermesinde S.C. 1936 Vs RAFC (Ermesinde)
15:00 - 17:00 18ª Jornada Sub-18 - S.C. Canidelo Vs RAFC (Gaia)
15:00 - 17:00 19ª Jornada Sub-13 - F.C. Avintes Vs RAFC (Maia)

22 de janeiro

DOMINGO

09:00 - 11:00 19ª Jornada Sub-16 - F.C. Foz Vs RAFC (Porto)
11:00 - 13:00 19ª Jornada Sub-14 - S.C. Canidelo Vs RAFC (Gaia)
11:00 - 13:00 7ª Jornada Sub-17 - Padroense F.C. Vs RAFC (Porto)
11:00 - 13:00 7ª Jornada Sub-15 - RAFC vs Gil Vicente F.C. (Vila do Conde)

FIGURA 191 - EXEMPLO DE PLANEAMENTO SEMANAL DE TREINOS

Na descrição de cada dia do microciclo semanal de trabalho, vou fazer uma breve abordagem ao perfil traçado de cada unidade de treino e, apenas no 4º dia de cada microciclo (normalmente quinta-feira), vou fazer uma descrição

mais aprofundada sobre as características e preocupações que temos nesse treino, porque é apenas nesse dia que a minha atividade enquanto observador e analista do adversário influencia o conteúdo e condicionantes do exercício de treino. De referir que, embora o morfociclo dos sub-17 tenha as suas especificidades, as características em baixo descritas são do modelo de treino do clube, enquanto entidade formadora pelo qual, todos os treinadores dentro das limitações que têm, trabalham.

No primeiro dia depois do jogo, segunda-feira, concedemos folga aos jogadores. Damos liberdade para que se tiverem oportunidade, frequentem o ginásio do clube com o acompanhamento do Professor Rui Santos, responsável pela reabilitação e prevenção de lesões do ponto de vista mais analítico. No segundo dia depois do jogo, primeiro treino da semana, ainda dentro do balneário o treinador principal faz, em conjunto com os jogadores uma breve análise ao jogo anterior, tendo por hábito perguntar a alguns jogadores a opinião sobre o mesmo. Ao nível do planeamento de treino, o foco é sempre de criar um contexto de exercitação que promova a desconectividade emocional com o jogo anterior. No mesmo sentido, existe a preocupação em dar pouco feedback aos jogadores. Os jogadores mais utilizados no jogo anterior realizam um trabalho de recriação com bola, enfatizando uma grande densidade de habilidades motoras específicas do jogo de futebol (jogo aéreo, sustentação da bola, receções em contextos diferenciados, relação espaço-temporal entre jogador e bola, comunicação, espírito de equipa, etc...), damos espaço à liberdade e criatividade, a escala deste trabalho é individual. Os jogadores não utilizados ou menos utilizados são estimulados em contextos que promovam o esforço predominante do jogo. No terceiro dia após o momento competitivo, segundo treino da semana, a preocupação fundamental do treino é a aquisição e potenciação de subprincípios e princípios à escala individual e grupal, o tempo de exercitação é curto e os condicionalismos do contexto proposto têm de provocar máxima tensão em extensibilidade na contração muscular assim como a manter uma complexidade grande de maneira a colocar os índices de ansiedade e concentração altos na decisão e execução (Neto, 2014). Normalmente, nesta unidade de treino, abordam-se subprincípios e princípios

referentes às transições defensivas e ofensiva (pressing, contenção, cobertura, reação á perda, reação ao ganho, indicadores de pressão, indicadores de fragilidade de posse de bola, mobilidade nas coberturas ofensivas, etc...).

Como referi na introdução deste subcapítulo, vou fazer uma descrição mais pormenorizada dos conteúdos e preocupações por parte da equipa técnica no quarto dia após o jogo, terceira unidade treino semanal, pois a minha função enquanto observador e analista dos adversários vai ter peso na prescrição e operacionalização dos exercícios de treino. A este respeito, Castelo (2009) defende que, apesar de o desenho do microciclo de preparação de uma equipa poder ser realizado com uma certa antecedência, o seu conteúdo só deve ser decidido, conceptualizado e desenvolvido a partir da análise do momento competitivo anterior e do conhecimento das particularidades do modelo de jogo do próximo adversário. Na quinta-feira, treinamos os macroprincípios que guiam o nosso modelo de jogo à escala intersectorial e coletiva. A ciclicidade e imprevisibilidade entre momentos de jogo (Organização Ofensiva, Transição Defensiva, Organização Defensiva e Transição Ofensiva) é respeitada, até pelo espaço que temos para treinar (campo todo durante uma hora e 2/3 do mesmo campo a restante meia hora) o que torna o treino mais representativo e específico em relação aos restantes treinos, temos a preocupação de, pelo menos, garantir a largura formal de jogo quando não conseguimos manter a profundidade desejada. No mesmo sentido, aumentar os níveis de especificidade, o tempo de exercitação é mais alargado e intervalados por tempos de repouso mais curtos para garantir um regime de esforço desejado. Neste dia de treino, o lado estratégico-tático está bem presente, enfatizamos sempre o “nosso jogar” como foco principal mas também, alguns traços das características do nosso próximo adversário. Esse estado de alerta em relação ao próximo jogo materializava-se e “ganhava corpo” através do(s) condicionalismo(s) que o treinador colocava no contexto de exercitação com base na análise do adversário, onde tínhamos em conta as características do mesmo e as consequências que as estas podiam ter nas fragilidades e nos pontos fortes da nossa equipa. Nesta linha de intervenção Castelo (2009) afirma que, o processo de preparação não permite apenas potenciar o modelo de jogo adotado pela equipa, mas também uma ligeira

adaptação, do ponto de vista estratégico, relativamente às características do adversário. No último treino da semana, cinco dias após o jogo anterior e a dois dias do próximo momento competitivo, realizamos a apresentação da análise ao próximo adversário em vídeo com uma grande ligação emocional ao exercício do treino anterior. Esta unidade de treino era marcada pela velocidade de contração máxima das ações e uma grande descontinuidade entre as mesmas. Enfatizamos momentos de transição ofensiva com contextos de finalização favorável (com pouco estorvo), onde a taxa de sucesso das ações seja elevada e que o reforço emocional seja, consequentemente, positivo. Os últimos 30 minutos de treino são geralmente direcionados para os momentos de bola parada (cantos, livres frontais, livres laterais, lançamentos a favor e contra). O morfociclo padrão é "...o responsável pela articulação de sentido, entre a ideia e o processo, tendo como fim o alimentar do crescimento de uma forma de jogar concreta e o garante da correta dinamização da relação desempenho-recuperação para que, a equipa se apresente fresca e espontânea a cada momento de competição." (Amieiro,2017).

Na tabela 15, esquematiza de forma sucinta um morfociclo padrão dos sub-17 do Rio Ave Futebol Clube.

Morfociclo Padrão	Dom	Seg	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sáb	Dom
Princípios	J O G O	F O L G A	SubSub Princípios	Subprincípios Princípios	Macro Princípios	Sub Princípios	F O L G A	J O G O
Momentos De jogo				Transições Ofensiva e Defensiva	Todos	Transição Ofensiva e Bolas Paradas		
Escalas de Intervenção			Individual	Individual, Grupal	Setorial, Intersectorial, Coletiva	Setorial e Intersectorial		
Esforço / Repouso			Esforço: - Repouso: +	Esforço: - Repouso: +	Esforço: + Repouso: -	Esforço: - Repouso: +		
Espaços				Reduzidos	Grandes	Médios/ Grandes		
Regime de esforço dominante				Força	Resistência	Velocidade		

TABELA 15 - TABELA REPRESENTATIVA DO MORFOCICLO PADRÃO

4.4 Adaptabilidade estratégico-tática dos Juniores B – Juvenis RAFC

Como vimos na literatura acima revista, as equipas devem ter um morfociclo padrão que torna viável a co-evolução coletiva e individual face ao esboço inicial, isto é, a ideia de jogar da equipa (Maciel, 2017), mas o conteúdo só deve ser conceptualizado na própria semana, tendo em conta as características do momento competitivo anterior e as características do próximo jogo (Castelo, 2009). Neste sentido, um dos desafios que se colocam às equipas é o modo como estas se reconfiguram e adaptam para aumentar a sua eficácia na performance (Salas, Cooke & Rosen, 2008) quer em relação a si próprias, quer em relação ao adversário. Ainda Castelo (2009) afirma que, a maioria dos treinadores tendem a mudar o conteúdo de treino apenas quando os resultados não vão de encontro aos objetivos previamente traçados e não colocam em equação as metas de performance estabelecidas pela equipa técnica. O comportamento dos jogadores é regulado por regras de ação, definidas num plano estratégico e incorporadas taticamente pelos jogadores através do processo de treino. Contudo, pouco se sabe acerca da forma como os treinadores de futebol utilizam a informação proveniente do relatório de análise do jogo adversário para tomar decisões acerca do planeamento, programação e operacionalização do treino (Wright, Carling & Collins, 2014).

Neste subcapítulo vou fazer uma descrição refletiva sobre as adaptações estratégico-táticas, considerando as características do adversário do escalão Juvenis sub-17 do Rio Ave Futebol Clube. Estas adaptações são a ponte entre as responsabilidades da minha função enquanto observador e analista do desempenho das equipas adversárias e o processo de preparação da performance, daí ter escolhido este ponto de reflexão. Como adaptar os exercícios de treino através das informações que temos do adversário, com vista a aumentar a taxa de sucesso da performance da equipa?

Para este fim, escolhi um mesociclo de três semanas, onde vou descrever todo o processo de seleção de informação do adversário por parte da equipa técnica, explicar de que forma essa mesma informação influenciou a

construção e operacionalização do contexto de treino e de que forma esse plano estratégico-tático teve (ou não) impacto no rendimento da equipa. Os exercícios propostos no treino foram filmados e analisados no sentido de haver uma avaliação e controlo no trabalho desenvolvido.

A análise que pretendo fazer é somente comportamental, o mesociclo contempla um ciclo de três jogos onde obtivemos um empate, uma vitória e uma derrota, onde quero, independentemente do resultado, analisar o impacto da ação individual e coletiva dos jogadores no jogo em causa, que passo a ilustrar.

Microciclo \ Dia	Dom.	Seg	Ter	Qua	Qui.	Sex.	Sáb
Microciclo de Observação nº 17	08/01 <u>Observação:</u> Braga x Palmeiras	09/01	10/01	11/01	12/01 Exercício de Adaptabilidade Estratégico-tática x Palmeiras	13/01 Video de análise x Palmeiras	14/01
Microciclo de Observação nº 18	15/01 <u>Jogo:</u> Rio Ave 1 x 1 Palmeiras <u>Observação:</u> Guimarães x Padroense	16/01	17/01	18/01	19/01 Exercício de Adaptabilidade Estratégico-tática x Padroense	20/01 Video de análise x Padroense	21/01
Microciclo de Observação nº 19	22/01 <u>Jogo:</u> Padroense 2 x 4 Rio Ave <u>Observação:</u> Palmeiras x Porto	23/01	24/01	25/01	26/01 Exercício de Adaptabilidade Estratégico-tática x Porto	27/01 Video de análise x Porto	28/01
	29/01 <u>Jogo:</u> Rio Ave 0 x 3 Porto						

TABELA 16 - MICROCICLOS DE OBSERVAÇÃO

O primeiro microciclo do período de trabalho em análise é referente à semana do jogo com o Palmeiras, a observação foi no Campo da Ponte em Braga contra o Sporting Clube de Braga, ou seja os sub-17 contra os sub-16 do clube em causa. O quadro representado em baixo, esquematiza as características do adversário que tivemos em

consideração no nosso plano de adaptação estratégico-tática e, conseqüentemente, no planejamento de treino. Importante frisar que, a maior parte dos reajustes estratégicos para os jogos são feitos através de princípios que já pertencem ao nosso modelo de jogo mas que são sobrevalorizados nas semanas que entendemos que assim deve ser feito. Nunca, em momento algum, desrespeitamos os nossos princípios para estar mais perto de ganhar, isso seria contraproducente, encaramos o processo de treino como um caminho não linear, caracterizado por avanços e retrocessos, mas o guião é sempre o mesmo.

Caraterísticas do adversário	Adaptação estratégico tática
<ul style="list-style-type: none"> - Debilidades na Transição Defensiva. - Colocam muitos elementos projetados ao mesmo tempo no momento de Organização Ofensiva, o que provoca desequilíbrios no momento pós-perda de bola. - Laterais muito ofensivos e lentos recuperarem posição, ninguém no equilíbrio quando estes dão profundidade. - Espaço nas costas dos laterais. - Central do lado esquerdo lento na cobertura ao lateral. 	<ul style="list-style-type: none"> - Momento após ganho de posse de bola - Rapidez na decisão e qualidade da mesma - Variar rapidamente o centro de jogo - Se recuperamos a bola num corredor, a prioridade é acelerar processo ofensivo para corredor oposto. - Após chegar ao corredor oposto, exploração criteriosa dos espaços (joga por onde adversário deixa). - Verticalidade (aproveitar costas dos laterais) se assim for possível. - Manutenção da posse de bola e entrada em momento de Organização Ofensiva se adversário não permitir progressão no campo.

TABELA 17 - MICROCICLO DE OBSERVAÇÃO Nº17 - CARATERÍSTICAS CONSIDERADAS DO ADVERSÁRIO E ADAPTAÇÕES PROPOSTAS

Segundo Oliveira (2004), o momento de transição ofensiva (defesa-ataque) é muito importante porque é uma oportunidade de aproveitar a desorganização defensiva momentânea do adversário. Nesta semana, o momento de transição ofensiva foi o ponto-chave do plano estratégico que definimos para atingirmos os objetivos competitivos que estabelecemos para o próximo momento de competição, a vitória. Para irmos de encontro a esse plano, idealizamos e operacionalizamos um exercício

condicionado de forma a promover os comportamentos que queríamos ver emergir no jogo. Em baixo, esquematizo a estrutura do exercício proposto.



FIGURA 202 – PROPOSTA DE CONTEXTO DE EXERCITAÇÃO - PALMEIRAS

Neste contexto de exercitação, apresentamos a seguinte proposta: (GR + 10 x GR +10) + joker; em dois terços de campo, sem comprometer a largura, temos duas balizas de futebol de 11 nos topos e 4 mini balizas colocadas como a figura em cima ilustra. Exercício que enfatiza a transição ofensiva de uma forma específica e representativa, nunca partindo o jogo. Se a recuperação de bola é feita no meio campo ofensivo o objetivo é fazer golo na baliza grande o mais rapidamente possível, promovendo um comportamento vertical quer do portador da bola, quer das coberturas ofensivas, se a recuperação de bola é feita no meio campo defensivo o objetivo é fazer golo na baliza pequena que se encontra no corredor contrário do meio campo defensivo adversário, o que vai obrigar os jogadores a tirarem rapidamente a bola de pressão em largura e

explorar a profundidade com critério e de forma controlada. Colocamos o *joker* numa fase inicial para aumentar o número de linhas de passe no setor médio para que houvesse uma maior taxa de sucesso nos objetivos propostos e por conseguinte, um aumento de confiança na decisão e ação. Referir que cada vez que a bola saía pela linha lateral, recomeçava através de pontapé de baliza para promover um maior número de recuperações de bola após organização ofensiva adversária, no sentido de aumentar a densidade de comportamentos que pretendíamos deste exercício. Fora os momentos de perda/ganho de bola, trabalhar e cimentar os macro comportamentos do nosso modelo de jogo.

Como é habitual, na parte inicial do último treino da semana, mostramos o vídeo de análise ao adversário, onde enfatizamos ainda mais as dificuldades que tinham no momento de transição ofensiva, e fizemos a ligação entre as imagens que estavam a ver naquele momento e a imagem mental que criaram no dia anterior do contexto de exercitação que experimentaram.

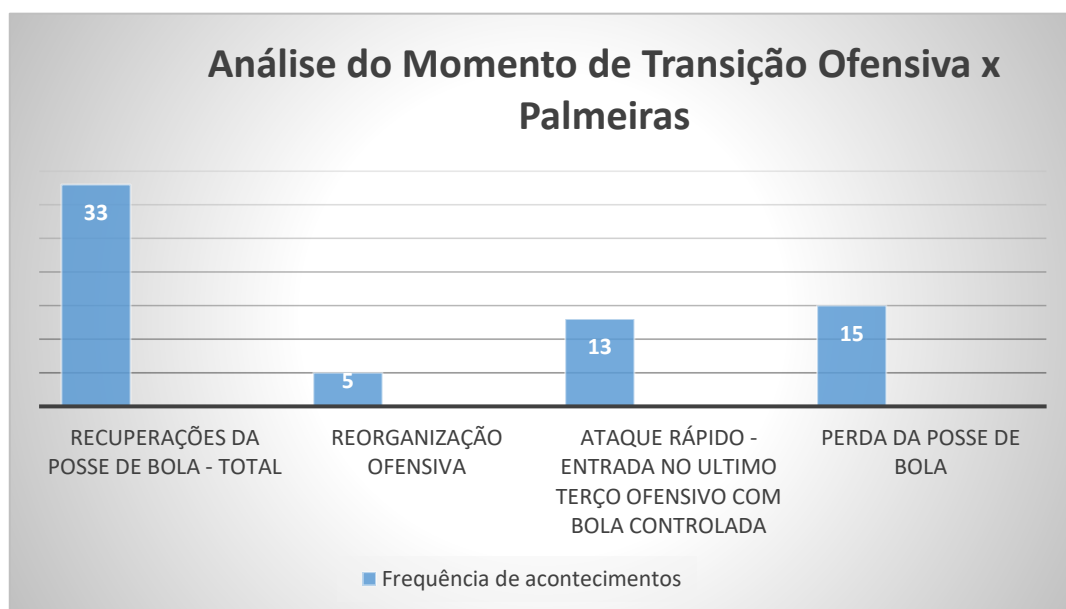


FIGURA 213 - GRÁFICO DE ANÁLISE DO MOMENTO DE TRANSIÇÃO OFENSIVA X PALMEIRAS

Na partida contra o Palmeiras verificamos que recuperamos a posse de bola 33 vezes no total dos 80 minutos de jogo. Dessas 33

ocasiões, conseguimos manter a posse de bola por 18 vezes, das quais 5 reorganizamos ofensivamente, maioritariamente a partir do guarda-redes (situações de ganho no controlo de profundidade em relação á linha ofensiva adversária), e conseguimos transitar para ataque rápido ou contra-ataque por 13 ocasiões com entrada da bola controlada no ultimo terço. Também verificamos que dessas recuperações de bola, não demos continuidade à nossa fase ofensiva por 15 vezes.

O balanço qualitativo deste momento de jogo foi positivo uma vez que, como esperávamos, as principais ocasiões de finalização que dispusemos tiveram origem em recuperação de bola seguidas de ataque rápido ou contra-ataque, explorando as costas dos laterais e restantes elementos da linha defensiva.

Na segunda semana do período competitivo em análise, preparamos o jogo contra o Padroense (sub-16 do Futebol Clube do Porto). Essa preparação começou pela observação direta e análise da performance do adversário em Guimarães onde perdeu 1-2 mas com indicadores de qualidade de jogo muito positivos, e com a observação indireta do jogo do Padroense no Olival, frente ao Futebol Clube do Porto. A tabela 18, esquematiza as características do adversário que tivemos em consideração no planeamento de treino desta semana e as adaptações estratégicas que foram enfatizadas para anular essas características. Ao contrário da semana passada em que consideramos um ponto fraco (menos positivo) do adversário e procuramos perceber como podíamos explorá-lo, esta semana vamos ter em consideração um ponto forte do adversário e como vamos tentar contorná-lo.

Caraterísticas do adversário	Adaptação estratégico tática
<ul style="list-style-type: none"> - Qualidade na Transição Defensiva. <p>Muito critério na reação, reagem muito bem a indicadores que conforto e fragilidade de posse</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reação muito forte e rápida á perda - Esta reação é potenciada pelo ataque posicional que promovem no momento de organização ofensiva – configuração pré perda propícia - Não permitem que o adversário tenha tempo e espaço para tirar a bola da zona de ganho de posse de bola com critério e qualidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Momento após ganho de posse de bola - Rapidez na decisão e qualidade da mesma - Tirar rapidamente a bola da zona de ganho, impedindo a reação forte do adversário. -Verticalidade (aproveitar costas dos laterais) se assim for possível. - Exploração do espaço no corredor oposto. -Manutenção da posse de bola e entrada em momento de Organização Ofensiva se adversário não permitir progressão no campo.

TABELA 18 - CARACTERÍSTICAS DO ADVERSÁRIO E ADAPTAÇÕES ESTRATÉGICAS - PALMEIRAS

Verificamos nesta equipa do Padroense que realizam uma transição defensiva normalmente agressiva, respondendo bem, individual e coletivamente, aos indicadores de fragilidade de posse de bola. O tempo de reação á perda de posse de bola é um indicador de qualidade nas equipas de futebol, em 2014 um estudo feito na Primeira Liga Alemã (*Bundesliga*) mostrou que as equipas melhor classificadas eram as que reagiam mais rapidamente á perda da posse de bola (Vogelbein, Nopp & Hokelmann, 2014), ou seja, não permitiam que o adversário aproveitasse a momentânea desorganização defensiva. No sentido de contrariarmos essa caraterísticas do nosso próximo adversário, preconizamos o contexto de treino em baixo representado.

✕
Detalhes do Exercício
★
🔗
Editar

Jogo Dos Quadrados

GR + 10 X GR + 10

+10 / 2 x 12 min

Tático, Atacar

30 min

Descrição GR + 10 X GR + 10 / 2/3 campo , 60 m x 80 m

Explicação

- Após recuperacao de bola só podem fazer um passe dentro quadrado que recuperaram a bola , o segundo passe tem de ser para outro quadrado
- Fazer golo

Progressões Sem progressões

FIGURA 224 - PROPOSTA DE CONTEXTO DE EXERCITAÇÃO - PADROENSE

A proposta de exercício que apresentamos foi: GR + 10 vs GR + 10 em 2/3 do campo e dividimos o espaço do exercício em 9 espaços iguais. O objetivo principal do exercício é fazer golo através das dinâmicas e comportamentos ofensivos e defensivos que abordamos até ao momento. A única regra do exercício é que após recuperação apenas podem apenas realizar um passe dentro do quadrado onde recuperaram a bola, o segundo passe tem de ser para um dos quadrados adjacentes, o que vai condicionar a decisão do portador da bola no sentido de tirar com critério a bola da zona de ganho da posse de bola, para que a mesma já não esteja lá quando a reação adversária à perda chegar.

Sexta-feira, no último treino da semana, mostramos a habitual análise do adversário aos jogadores, fazendo a ponte entre as características da equipa adversário e as imagens mentais que criamos nos jogadores na proposta de exercício adaptado às características que nós, equipa técnica, achamos relevante do adversário.

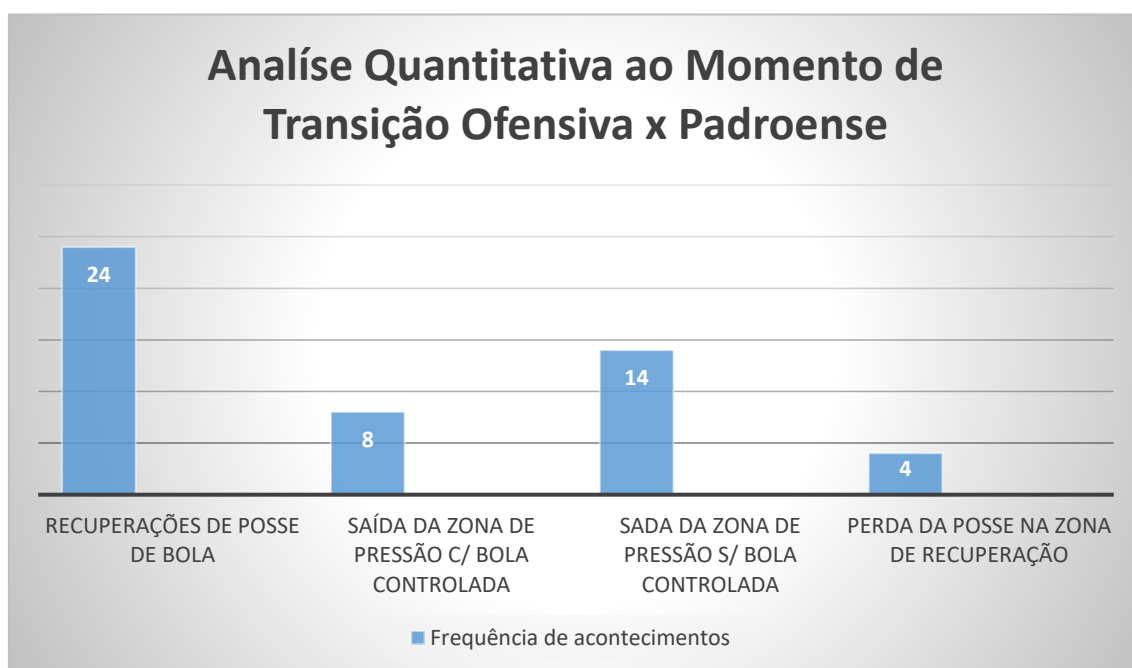


FIGURA 2523 - GRÁFICO DE ANÁLISE QUANTITATIVA AO MOMENTO DE TRANSIÇÃO OFENSIVA X PADROENSE

A análise á qualidade e critério da decisão no momento da transição ofensiva da equipa foi positiva, uma vez que embora não tenhamos conseguido sair com a bola controlada da zona de reação à perda por parte do adversário 14 vezes durante o jogo e tenhamos perdido a posse de bola na zona (ou perto) onde a recuperamos por 4 vezes, as situações que o conseguimos fazer tiveram um impacto significativo no resultado e desfecho do jogo. Três dos quatro golos que conseguimos nesta partida foram através de transições ofensivas onde conseguimos que o primeiro passe após ganho entrasse numa referência longe da zona de perda de bola por parte do adversário, impossibilitando a reação à mesma.

Na terceira e última semana do período de trabalho em reflexão, preparamos a ida ao Olival, enfrentar o Futebol Clube do Porto, equipa teoricamente mais forte que seguia no primeiro lugar da 2ª fase do Campeonato Nacional de Juvenis – Zona Norte. No sentido de prepararmos este desafio fiz uma observação direta ao adversário no jogo fora de portas frente ao Palmeiras e utilizei o vídeo do jogo contra o Sporting Clube de Braga onde jogaram com estatuto de visitado.

Depois de ter realizado o relatório de análise do adversário, verificamos uma equipa que geria o ritmo da esmagadora maioria dos jogos que realizava, através de um ataque organizado, com criação constantes de linhas de passe em apoio e profundidade, com jogadores com uma qualidade acima da média que desbloqueavam organizações defensivas e arranjavam espaço onde aparentemente não o havia. Verificamos também que este domínio era feito no meio campo adversário, muito por permissão do adversário e não por imposição. As equipas que vão ao Olival nesta fase do Campeonato tendem a baixar linhas, retirar espaço interior com um bloco compacto e solidário e a tentar a surpresa através do contra-ataque, o que com a velocidade e qualidade da linha defensiva do Futebol Clube do Porto é uma tarefa difícil. No quadro em baixo representado, elenco as características que tivemos em conta na preparação do próximo jogo e as escolhas que traçamos para o nosso plano estratégico no sentido de contrariarmos o líder do campeonato.

Caraterísticas do adversário	Adaptação estratégico tática
<ul style="list-style-type: none"> - 1ª Fase de construção com um futebol curto e apoiado. - Constantes variações de corredor na 1ª fase de construção, medio defensivo baixa para meio dos centrais para criar superioridade - Tentam arranjar espaço para penetrarem no bloco defensivo adversário preferencialmente em condução. - Transitam para 2ª fase de construção com um jogo posicional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Bloco alto e pressionante - Retirar espaço às principais coberturas ofensivas na primeira fase de construção - Obrigar a optar pelo jogo longo - Promover situações contra natura para o adversário - Promover duelos aéreos, luta pelas segundas bolas

TABELA 19 - CARACTERISTICAS DO ADVERSÁRIO E ADAPTAÇÕES ESTRATÉGICAS - PADROENSE

Para isso, demos bastante enfase à organização defensiva esta semana, principalmente aos comportamentos na 1ª fase de pressão da equipa. Para isso, propusemos aos jogadores o exercício em baixo ilustrado.

Detalhes do Exercício

★ Editar

Org Defensiva 11 x 11

Tático, Defender

30 min

Descrição Org Defensiva 11 x 11 / campo inteiro / 2 x 15 min

Explicação Jogo 11x11 com enfase na fase de organizacao defensiva , nao deixar a equipa que esta em posse transitar da 1 para 2 fase ofensiva com jogo curto e apoiado , obrigar a bater longo . Apartir dai jogo formal com as dinamicas e comportamentos ofensivos e defensivos ate agora abordados

Progressões Sem progressões

FIGURA 246 - PROPOSTA DE CONTEXTO DE EXERCITAÇÃO - FUTEBOL CLUBE DO PORTO

O contexto de exercitação contemplou GR + 10 x GR + 10, ocupou o campo inteiro e foi dividido em três setores ofensivo, médio e defensivo. Objetivo do exercício é marcar golo e a regra do contexto proposto é a equipa sem posse, utilizando as dinâmicas e comportamentos defensivos presentes no nosso modelo de jogo e que temos vindo a trabalhar desde o início da época não pode deixar que a equipa com posse transite do setor defensivo para o setor médio com bola controlada e a equipa com posse tem de o tentar fazer. Neste dia de treino demos ênfase a uma característica que faz parte dos nossos princípios em Organização Defensiva “Bloco Alto Pressionante até ao guarda-redes”, no sentido de tentar deixar desconfortável o próximo adversário, obrigando-o a recorrer a decisões de recurso que vão gerar situações que não fazem parte da natureza do futebol que tentam praticar.

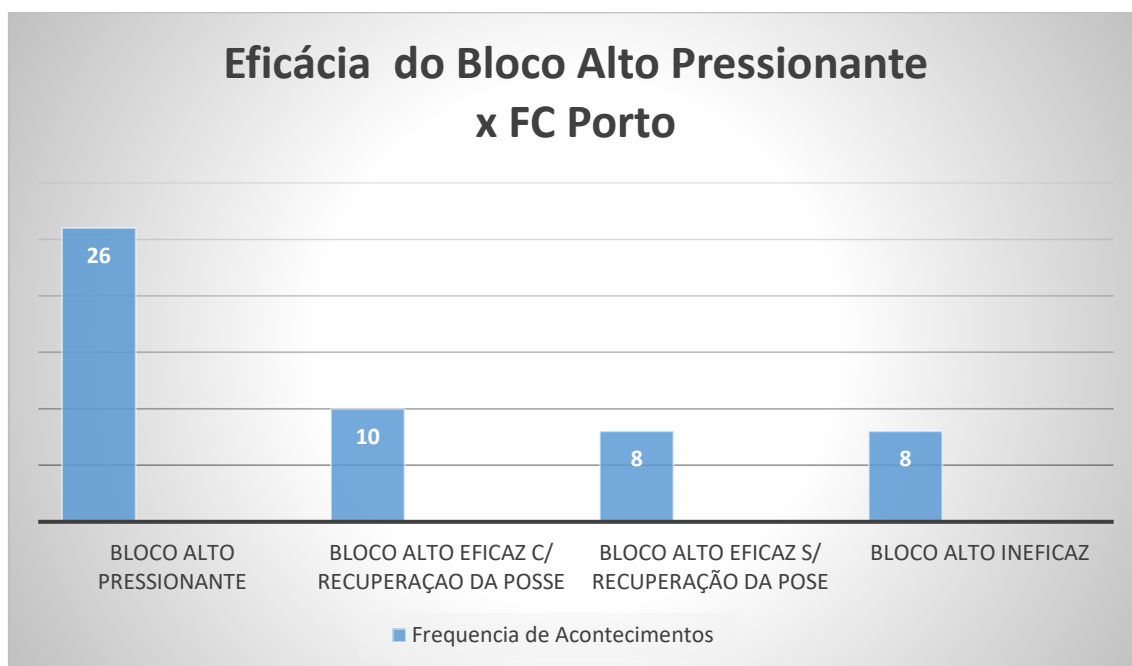


FIGURA 25 - GRÁFICO DE EFICACIA DO BLOCO ALTO PRESSIONANTE X FC PORTO

Como podemos verificar pelo gráfico acima representado conseguimos a anular a transição da Fase de construção para a fase de

criação adversária através do futebol apoiado, obrigando-os a procurar soluções através de passes longos, saindo da sua zona de conforto, muitas vezes durante o jogo. Das 26 situações em que conseguimos realizar o bloco alto, fomos ineficazes por 8 vezes onde, apesar dos esforços, os jogadores adversários conseguiram entrar na fase de criação com bola controlada no pé. Noutras 8 situações embora tenhamos conseguido obrigar o adversário a optar pelo passe longo para sair da primeira fase de pressão que estávamos a fazer, não conseguimos ganhar os duelos aéreos e segundas bolas, isto aconteceu, na minha opinião, pelo adversário se conseguir adaptar ao nosso método defensivo no decorrer do próprio jogo, com a subida de linhas mais rápida após passe longo, com a colocação de um maior numero de elementos para discutir segundas bolas e também com a procura do espaço entre a nossa linha defensiva e linha média que era grande fruto da nossa disposição em campo no momento defensivo. Ainda assim, recuperamos a posse de bola em 10 ocasiões mas não tivemos, na maioria delas, lucidez e frescura física e mental para optar pela melhor opção para conseguir uma transição ofensiva eficaz. O objetivo de retirar o adversário da zona de conforto, obrigado a optar por um método de jogo com um futebol mais direto mas não conseguimos retirar partido disso no momento pós-recuperação de bola.

Concluindo, face às caraterísticas dos nossos adversários, o treinador dos Juvenis Sub-17 do Rio Ave Futebol Clube, nunca alterou as dinâmicas comportamentais que propôs ao grupo desde o início do ano, optou por enfatizar uma ou várias caraterísticas inerentes ao nosso modelo de jogo através do exercício de treino, criando o *link* mental entre esse contexto de exercitação e o vídeo de análise ao adversário e, por conseguinte, ao momento competitivo. As orientações estratégicas que o treinador define procuram influenciar a ação dos jogadores mas sem nunca retirar a liberdade e autonomia na decisão perante a imprevisibilidade das caraterísticas que o jogo nos propõem (Grehaigine et al., 1995; Grehaigine et al., 2011). Termino este capítulo com uma frase do treinador que foi e

é a grande bandeira da qualidade dos treinadores portugueses no mundo, em relação a este domínio: “Para mim, a análise do adversário é muito importante, porque jogo em relação ao adversário e defino o treino em relação a isso.” (Mourinho in Tribuna Expresso, Junho 2017).

5. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Após a conclusão do estágio e a realização de uma reflexão crítica, a primeira e rápida conclusão que tiro é que acabei mais e melhor treinador do que o treinador que começou esta caminhada. Acabei um treinador mais capaz de lidar com as características, exigências e adversidades da modalidade de futebol inserida num contexto de alto rendimento desportivo. Foi um percurso rico em experiências, com uma grande densidade de informação e conhecimentos que tive de absorver, refletir sobre a mesma e filtrar o que devia, na minha opinião, levar comigo.

A primeira grande experiência desta época desportiva teve origem na minha necessidade de me preparar para a função que ia desempenhar. Nesse sentido desloquei-me a Liverpool no verão de 2016, à *John Moore's University*, onde vivi 10 dias de enriquecimento e valorização incríveis ao tirar o curso de análise de performance desportiva em futebol pela *Prozone Amisco* onde conclui os três níveis propostos. Esta experiência ajudou-me a perceber de forma mais clara as respostas que a observação e análise de jogo podia dar e como essas respostas podiam apoiar de forma determinante a performance da equipa, para além disto teve uma componente social e cultural muito forte, uma vez que tive contacto com mais de 40 pessoas de 17 países diferentes, discutindo as realidades onde cada um estava inserido. Nesse sentido, em Março 2017, já na segunda metade da época desportiva, investi na minha capacidade enquanto observador e analista de jogo ao tirar o curso de formação profissional organizado pela Bwizer: "Observação, Análise e Interpretação do Jogo de Futebol", ministrado pelo meu orientador de estágio Professor Júlio Garganta e Professor Daniel Barreira, para além destas formações, procurei sempre, junto de analistas de jogo já com alguma experiência, perceber quais as características chave para fazer um trabalho de qualidade dentro das condições de trabalho a que tinha acesso.

A conciliação entre as funções de observador e analista do adversário no escalão de Sub-17 e a minha primeira experiência como treinador principal no futebol de 11 no escalão de sub-12 foi de todo oportuna e produtiva. O facto de todos os fins de semanas assistir ao vivo a jogos do Campeonato Nacional de Juvenis Sub-17, fez-me entender e refletir sobre o jogo de futebol, perceber as tendências e padrões de jogo de clubes de referência ao nível da formação em Portugal, nos quais incluo o Rio Ave Futebol Clube, foi uma experiência enriquecedora. O facto de ter começado a ver jogos ainda antes da minha época desportiva começar com os sub-12 ajudou-me essencialmente a priorizar conteúdos, a perceber qual a progressão aquisitiva que, na minha opinião, deveria seguir ao nível da operacionalização em treino dos princípios, independentemente da escala, nos diferentes momentos de jogo.

A minha paixão pelo processo de treino fez com que explorasse a forma como a minha função e trabalho desenvolvido influencia a planificação e operacionalização do treino, uma perspetiva da análise de jogo que embora pareça óbvia, poucos treinadores têm em consideração: de que forma as características dos adversários no planeamento de treino? Esta vertente só foi possível, pelo facto de fazer parte de uma equipa técnica experiente e ao mesmo tempo, atualizada e vanguardista que percebe, dentro das limitações que o contexto de trabalho apresenta, a importância de controlar o maior número de variáveis possível, nunca deixando de priorizar o que é realmente essencial em detrimento do que é secundário. Ainda assim, penso que este trabalho que desenvolvi pode ter muito mais impacto nos atletas se o vídeo de análise for transmitido aos mesmos antes de realizarem o exercício de adaptabilidade ao adversário. Em vários treinos senti que perdíamos um pouco de tempo de treino porque os jogadores não se estavam a fazer a conexão mental entre a condicionante que estávamos a propor e as características dos adversários, provavelmente alguns só “construíam essa ponte quando viam as imagens do adversário no dia seguinte, o que tira qualidade e propósito ao treino e às ações que os jogadores realizam. O facto de durante a época termos passado por momentos delicados, ao nível de

resultados, e em momento algum sentir que o trabalho que desenvolvi foi desacreditado ou desvalorizado, muito pelo contrário, foi uma grande motivação para continuar a tentar melhorar a qualidade da informação que passava e a forma como transmitia essa mesma informação.

Este centro de estágio moldou a minha identidade enquanto treinador, o contacto direto com um contexto competitivo de elevada qualidade e competitividade permitiu-me refletir acerca das especificidades do jogo de futebol, entender melhor a lógica desta modalidade, que é por muitos tida como o maior fenómeno social e cultural da atualidade. Concluo, dizendo que o erro e o insucesso é uma parte fundamental do desenvolvimento profissional de qualquer profissão, mas a forma como utilizamos essa experiência negativa e nos adaptamos para estarmos mais preparados é a chave.

As minhas perspetivas pessoais no imediato é continuar a evoluir enquanto treinador, sempre que possível fora da minha zona de conforto, no sentido de estar mais preparado de abraçar um projeto maior, de preferência profissional quando este surgir. Tenciono complementar o meu percurso académico e profissional com os níveis de treinador que me faltam (III e IV) e, sucintamente, tornar-me um profissional mais competente e preparado para o mercado de trabalho nacional ou internacional. Paralelamente gostava de aprender Mandarim e Alemão técnico, penso que no futuro irá ser uma mais valia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Admito que inicialmente, o facto de realizar o meu centro de estágio como observador e analista dos adversários de uma equipa de formação criou-me apreensão. Sempre idealizei participar no processo de treino, na operacionalização de princípios através de propostas de exercícios, vivenciar o dia-a-dia de preparação e competição de um contexto superior em relação ao que até agora tinha experimentado e, á primeira vista, devido ao facto de assumir uma das equipas de Infantis como treinador principal isso não seria viável. Acontece que esse casamento entre o trabalho desenvolvido como analista e o planeamento do processo de treino foi possível e feliz.

A concetualização do conteúdo de treino não deve ser padronizada e repetitiva, mas sim adaptada consoante o momento da época, a competição em causa, a performance no momento competitivo anterior e as características do próximo jogo. O facto das características do próximo adversário condicionarem a construção dos exercícios vai permitir aos jogadores vivenciarem estímulos e criarem imagens mentais em relação ao próximo jogo, o que os vai ajudar a dar resposta aos problemas que o jogo lhes vai propor. Uma das minhas grandes dúvidas á partida para esta metodologia de trabalho era se seria castrador ou contraproducente, numa fase tão precoce da carreira de um jogador, adaptarmos a nossa maneira de jogar ao adversário e a prática deu-me uma resposta ao nível da minha dúvida: o facto de nos adaptarmos ao adversário nunca, em momento algum, significa afastarmo-nos dos nosso modelo de jogo para estarmos mais perto da vitória mas sim, enfatizar princípios e comportamentos inerentes a esse mesmo modelo de forma a aproveitar ou controlar alguma característica pertinente. O lado estratégico do jogo é cada vez mais valorizado pelos treinadores mas poucos são aqueles que o trabalham em contexto de treino. A vertente estratégica tem de ser uma dimensão integrada no exercício e não, complementar ao exercício.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acero, R (2013). Causas Objetivas de Planificación en DSEQ (II): La Microestructura (Microciclos). *Revista de Entrenamiento Deportivo* · 27 (2) · 2013
- ARAUJO, D., Davids, K. W., Cordovil, R., Ribeiro, J., & Fernandes, O. (2009). How does knowledge constrain sport performance? An ecological perspective. *Perspectives on cognition and action in sport*, 119-131.
- Araújo, D (2010). A dinâmica Ecológicas das Decisões Coletivas. Im P Passos. (Ed.), rugby 37-44. Edições FMH, Lisboa.
- Araújo D, Davids K. (2011) What exactly is acquired during skill acquisition? *Journal of Consciousness Studies* 18(3–4):7–23.
- Barreira, Daniel; Barreira, Júlio (2017). *Observação, análise e interpretação do jogo*. Manual de Formação Profissional de Saúde e Desporto. Porto: BWIZER.
- Bertrand, Y & Guillement, P. (1994). Organização: Uma abordagem sistémica. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*: Editora Gradiva.
- Button, C., Chow, J., Travassos, B., Vilar, L., Duarte, R., Passos, P., Araújo, D., & Davids, K. (2012). A Nonlinear Pedagogy for Sports Teams as Social Neurobiological Systems: How Teams can harness Self-organization Tendencies. *Complexity Thinking in Physical Education*. Oxon: Routledge, 135-150.
- Capra, F. (1996). A teia da vida. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos (9ª edição). São Paulo: editora Cultrix.
- Castelo, J. (1996). Futebol a Organização do jogo. Edições do Autor
- Castelo, J. (2000). O exercício do treino desportivo – A unidade lógica de programação e estruturação do treino desportivo. Edições FMH.

Castelo, J. (2004). *Futebol - organização dinâmica do jogo*. Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.

Castelo, J. (2009). *Futebol - Organização dinâmica do jogo*. Edições Universitárias Lusofonas(3ª).

Comas,M. (1991). *La estratégia pré partido*.(Vol.10) Madrid: Editorial Gymnos.

Couture,M., & Valcartier, D. (2007). *Complexity and Chaos – State of the art – Overview of Theoretical Concepts*. Minister of National Defense, Canada.

Davids, K., Button, C., & Bennet, S. J. (2008). Dynamics of skill acquisition: A constraints-led approach. *Campaign, II: Human Kinetics*

Duarte, R., & Frias, T. (2011). Collective intelligence: An incursion into the tactical performance of football teams. In *Proceedings of the First International Conference in Science and Football* (pp. 15-17).

Federação Portuguesa de Futebol. (2016). Regulamento: Campeonato Nacional Juniores B. Federação Portuguesa de Futebol

Gama, J. et al. (2017). *Novos métodos para observar e analisar o jogo de futebol*. Primebooks

Garganta, J. (1996). Modelação da dimensão táctica do jogo de futebol. In J. Oliveira & F.Tavares nos JDC (pp 63-82). FCDEF-UP:CEJD.

Garganta, J (1997). *Modelação Táctica do Jogo de Futebol – estudo da fase de organização ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de Doutoramento.

Garganta, J & Pinto J. (1998). O ensino do Futebol. In Graça e Oliveira (Ed) *O ensino dos jogos desportivos coletivos* (3ª edição). Centro de Estudos de Jogos Desportivos Coletivos da Faculdade de Desporto e Educação Física da Universidade do Porto,95-135

Garganta J. (2001). A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo, *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2001, vol. 1, nº 1, 57–64

Garganta, J (2011). Princípios e ideias para a elaboração do projeto de investigação.

Graça, A.; Oliveira, J; O ensino dos jogos desportivos. Centro de Estudos dos jogos Desportivos. FADEUP.1994.

Grèhaigne, J., Bilard, M., & Laroche, J. (1999). Collective sports teaching at school. Conception, construction, evaluation. De Boeck, Bruxelles.

Gréhaigne, J. F. (1992). L'organisation du jeu en football. Paris: ACTIO.

Gomelski, A. (1984). Baloncesto – La dreccion del equipa. Barcelona: Editorial Paidotribo.

Gouveia, R. (1995). Análise à Equipa Adversária. Monografia apresentada na FCDEF-UP.

Guilherme Oliveira, J. (2004). Conhecimento Específico em Futebol: contributos para a definição de uma matriz dinâmica no processo ensino-aprendizagem/treino do jogo. Porto:J.Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Deporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Headrick,J., Renshaw, I.,Pinder, R., & Araújo, D. (2014). The Dynamics of exercise of expertise acquisition in sport: The role of affective learning design. Psychology of sport and exercise, 16, 83 – 90

Hughes, M., & Franks, I. (2008). The essentials of performance analysis.

Le Moigne, J.L. (1990). La modélisation des systèmes complexes. Paris: Bordas.

Leal, M. & Quinta, R. (2001). O treino no futebol: uma concepção para a Formação. Braga:APPACDM..

Lopes, R. (2005). O Scouting em Futebol – A importância atribuída pelos treinadores à forma e ao conteúdo da observação ao adversário. Monografia de Licenciatura, Faculdade de Ciências do Deporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto Portugal.

Martins, M. (2000). O scouting no basquetebol no escalão de cadetes. Monografia apresentada na licenciatura de Desporto e Educação Física FECDDEF – UP.

McGarry, T., Anderson, D., Wallace, S., Hughes, M., & Franks, I. (2002). Sport Competition as a Dynamical Self-organizing System. *Journal of Sports Sciences*, 20(10), 771-781.

Mesquita, I. (1998). A instrução e a estruturação das tarefas no treino de Voleibol: estudo experimental no escalão de iniciados feminino. Dissertação de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto

Mesquita, I. (2000). A pedagogia do treino. A formação em JDC. Livros Horizonte, Lisboa.

Mourinho, J; "Programação e periodização do treino em futebol" in palestra realizada na ESEL, no âmbito da disciplina de POAEF. 2001

Nascimento, T. (2016). *Treino, identificação e recrutamento de jovens jogadores de futebol*. Relatório de estágio profissionalizante. Porto: Fadeup.

O'Donoghue, P. (2009). Research Methods for sports performance analysis. Routledge, London.

O'Donoghue, P. (2015). An introduction to performance analysis of sport. Routledge, London.

Oliveira, J. (1991). Especificidade, o “pós-futebol” do “pré-Futebol”: um fato condicionante do alto rendimento desportivo. Porto. Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Parlebas, P. (1981): Contribution a un Lexique Commenté en Science de l'Action Motrice. Publ. INSEP. Paris.

Pereira, R. (2006). Exercício de Treino em Futebol. Monografia de Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Pinder, R., Davids, K., Renshaw, I., & Araújo, D. (2011). Representative Learning Design and Functionality of Research and Practice in Sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 33, 146 – 155.

Sarmiento, P. (2004). "Pedagogia do desporto e observação". Lisboa, FMH Edições.

Salas, E., Cooke, N., & Rosen, M. (2008). On Teams, Teamwork, and Team Performance: Discoveries and Developments. *Human Factors*, 50(3), 540-547.

Sarmiento, H., Pereira, A., Matos, N., Campaniço, J., Anguera, M. T., & Leitão, J. (2013). English Premier League, Spain's La Liga and Italy's Serie A – What's Different?. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 13, 773-789.

Sarmiento, H., Pereira, A., Anguera, M., & Leitão, J. (2014). The Coaching Process in Football – A qualitative perspective. *Journal of Sports Science and Medicine*, 3(1), 9-16.

Seirul-lo, F. (2000). Planificació de l'entrenament: criteris per a la programació derivats del fet competitiu.

Silva, M. (2008). *O Desenvolvimento do Jogar Segundo a Periodização Tática*. MCSports, Lisboa.

Silva, R; A pluridimensionalização de uma aprendizagem que, sendo futebolística, é uma emergência funcionalmente específica, como objecto de conhecimento futebolístico-científico! : abordagem a uma era pós futebol de rua pela radiografia do talentizar, num futebol que forma, não deforma! FADEUP. 2008.

Sousa, P., Garganta, J., & Fonseca, A. (2002). Perfil de prestação do ponta de lança de alto rendimento em futebol. Comparação do comportamento tático-técnico do jogador com a percepção do treinador.

Shafizadeh, M. (2014). Temporal Analysis of Losing Possession of the Ball Leading to Conceding a Goal: A Study of the Incidence of Perturbation in Soccer

Vázquez, A. (2012). Fútbol. Del Análisis del juego à la edicion de informes técnicos. Moreno y Conde Sports.

Ventura, N. (2013). Observar para ganhar, o Scouting como Ferramenta do Treinador. Tipografia Lousanense, Lousã.

Vogelbein, M (2014). Defensive transition in soccer - are prompt possession regains a measure of success? A quantitative analysis of German Fussball-Bundesliga 2010/2011

Walliser, B. (1977). Systèmes et modèles. Introduction critique à l'analyse de systèmes. Paris: Le Seuil.

Wright, C., Carling, C., & Collins, D. (2014). The wider context of performance analysis and it application in the football coaching process. International Journal of Per-formance Analysis in Sport, 14, 709-733.

<http://www.rioavefc.pt/historia/>

ANEXOS

ANEXO I – RELATÓRIO COMPLETO: PALMEIRAS

Relatório de Observação e Análise de Jogo
“Campeonato Nacional Juvenil – serie B”
 Observação indireta – através de vídeo


vs




→ **Equipa observada:** Palmeiras

→ **Campo:** Vários

→ **Condições climatéricas:** Boas

→ **Condições/Dimensões do terreno:** Boas

→ **Arbitragem:**

→ **Público:** Calmo

→ **Treinador:** Motivador, Encorajador

Últimos Resultados:

D	2017-01-08	11:00	(F)	Braga	5-1
V	2016-12-30	11:00	(C)	Anadia	2-1
D	2016-12-18	11:00	(F)	Padroense	1-0
V	2016-12-11	11:00	(C)	V. Guimarães	2-0
D	2016-11-26	11:00	(F)	Académica	3-0

Observador: Gonçalo Teixeira Rio Ave Futebol Clube

Ficha de Jogo

11 vs. Anadia FC (há duas jornadas)

PALMEIRAS FC

- Rodrigo Soares
- Dário Sousa
- Carlos Gomes
- Tiago Araújo
- Abílio Moraes
- Casimiro Gonçalves ▼ 40
- Tiago Gonçalves
- Castro
- Diogo Vieira ▼ 74
- Tomás Gomes
- Samuel Pedro ⚽ 51' ▼ 80

11 vs SC Braga (jornada anterior)

PALMEIRAS FC

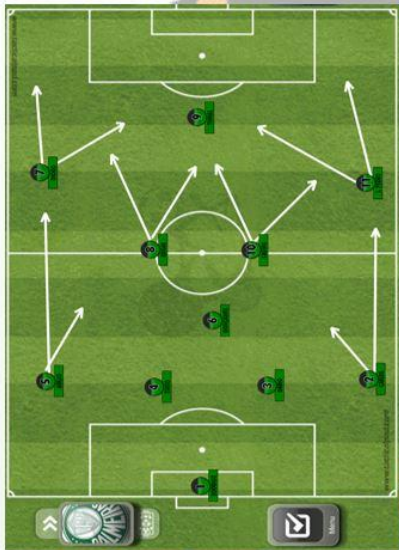
- 1 Miguel Silva
- 2 Carlos Gomes
- 3 Dário Sousa
- 5 Pedro Caeiro
- 4 Plínio Santos
- 6 Tiago Gonçalves ⚽ n/d
- 8 Edgar Braga
- 9 Paulo Soeiro
- 10 Tiago Ferreira
- 11 João Lopes
- 7 Samuel Pedro

11 inicial provável

Nome	Nº	Posição
Rodrigo	1	GR
Carlos Gomes	2	DD
Dário Sousa	3	DCD
Tiago Araújo	4	DCE
Abílio Moraes	5	DE
Tiago Gonçalves	6	MD
Castro	8	MI
Edgar	10	MI
João Lopes "Jota"	7	ED
Samuel Pedro	11	EE
Tomás Gomes	9	PL

Observador: Gonçalo Teixeira Rio Ave Futebol Clube

Caracterização Geral



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Sistema de Jogo: 1-4-3-3

Princípios Gerais Ofensivos:

- Tentam atrair com toque curto para esticar e encontrar espaços nos corredores
- Vivem muito das dinâmicas no corredor (lateral, interior e extremo)

Princípios Gerais Defensivos:

- Bloco médio alto (linha avançada alta, linha média e defensiva baixa)
- Prioridade em tirar jogo interior

Organização Ofensiva

- Variação de jogo em apoio com passe curto e jogo longo para os elementos nos corredores
- Por vezes interior do lado da bola baixa para o lado do meio defensivo para ajudar a criar uma bola descoberta
- Assim quem conseguem, optam pelo passe longo a explorar a largura e profundidade nos corredores, extremos por dentro, laterais juntam-se rapidamente à zona, ATENÇÃO à rutura dos interiores nas costas do lateral adversário!
- tentativa de criar situações de superioridade nos corredores 3x2, 2x1 com condução rápida
- Atenção ao movimento interior dos extremos com bola que variam o centro de jogo através do interior do lado contrario da bola para o outro corredor
- Movimentos interiores do Samuel Pedro forte, bom no 1x1
- Abilio DE junta-se com muita qualidade nestas dinâmicas, ocupando espaço exterior e interior com sucessivas tabelas com os colegas



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

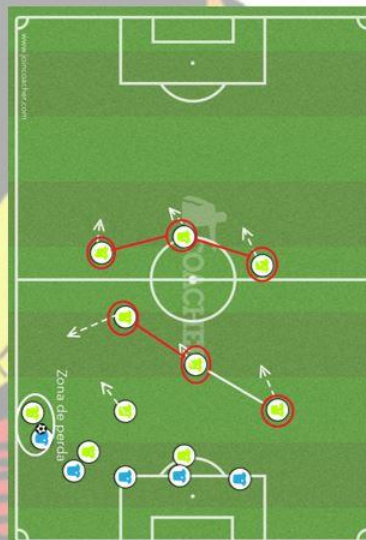


Transição Defensiva

- Dificuldades neste momento de jogo, uma vez que colocam muitos elementos projetados ao mesmo tempo no campo com consecutivas trocas posicionais e movimentos de rutura – atacam de forma desequilibrada
- ZONA DE PERDA – corredores laterais no meio campo ofensivo / zona de maior afluência ofensiva
- Tentativa de reagirem rápido e forte na zona de perda da bola.
- Espaço nos corredores e entre as linha média e defensiva (a linha média não acompanha o controlo de profundidade da linha defensiva e cria um buraco entre as duas)
- Tiago Gonçalves 6 MD responsável por coberturas aos laterais mas os interiores tardam a compensar a saída do colega, zona 6 muito desprotegida
- Dário 4 dc direito forte e rápido nas coberturas, tiago 3 DC esquerdo mais lento e com dificuldades



Observador: Gonçalo Teixeira



Rio Ave Futebol Clube

Organização Defensiva

- Bloco médio / médio alto
- 1-4-4-2 com um dos interiores a juntar-se ao PL nesta 1 Fase (enquanto 1 fecha central o outro fecha zona 6)
- Fazem pressão alta para obrigar a fechar e a bater mas dão algum espaço para sair (se MD baixar para ir buscar ninguém acompanha, mantêm o resto das linhas baixas)
- Trocas entra interior e PL por vezes lentas libertando algum espaço para bola entrar no MD
- Prioridade em fechar linhas em apoio frontal em espaços interiores
- Libertam muito espaço do lado contrario da bola e o bloco é lento a vascular
- Coberturas após variação rápida de centro de jogo longe (varias situações de 1x1 e também 2x1 principalmente do lado do Samuel Pedro que demora a baixar)
- Lado direito mais vulnerável – Carlos 2



Observador: Gonçalo Teixeira



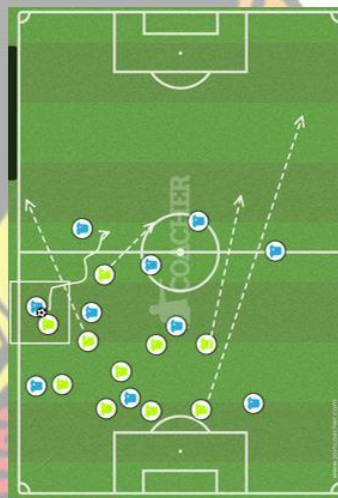
Rio Ave Futebol Clube

Transição Ofensiva

- Procuram colocar velocidade e verticalidade no momento de recuperação de bola
- Tentam aproveitar o desequilíbrio defensivo momentâneo do adversário
- O portador da bola tenta ganhar corredor central em condução
- Diagonais para criar referências em largura
- Exploração dos corredores para tentar criar situação de finalização (cruzamento)
- Atenção á sobreposição do lateral (Abilio mais perigoso)
- Atenção aos movimentos interiores de Samuel Pedro, se soltar mais a bola tem potencial para desequilibrar



Observador: Gonçalo Teixeira



Rio Ave Futebol Clube

Esquemas Táticos

Cantos Ofensivos



Observador: Gonçalo Teixeira

Cantos Defensivos



Rio Ave Futebol Clube

ANEXO II – RELATÓRIO COMPLETO: PADROENSE

Relatório de Observação e Análise de Jogo

“Campeonato Nacional Juvenis – serie B”

Observação indireta – através de vídeo





- **Equipa observada:** Padroense
- **Campo:** Comp. Desp. Dr. Antonio Pimenta Machado
- **Condições climatéricas:** Boas/Frio
- **Condições/Dimensões do terreno:** Relva Natural/boas
- **Arbitragem:** boa
- **Público:** Interventivo
- **Treinador:** motivador, interventivo (desgastam um pouco o Duarte)

RESULTADOS

D	2017-01-15	11:00	(F)	V. Guimarães	2-1
V	2017-01-08	11:00	(C)	Académica	3-1
D	2016-12-30	11:00	(F)	FC Porto	2-0
V	2016-12-18	11:00	(C)	Palmeiras FC	1-0
E	2016-12-11	11:00	(F)	Braga	1-1
E	2016-11-26	11:00	(C)	Anadia	0-0

Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Ficha de Jogo

PADROENSE

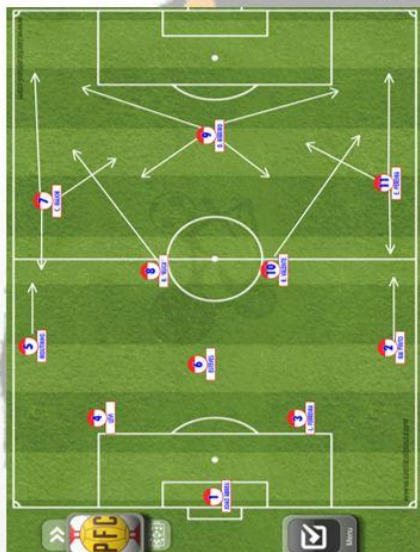
1	João Abreu	
2	Rafael Pinto	
3	Luís Ferreira	
4	Levi Faustino	60'
6	José Esteves	
5	Alexandre Moutinho	
8	Rúben Amaral	75
10	Rodrigo Valente	31
9	Duarte Moreira	42'
7	Cláudio Gomes	
11	Edgar Pereira	46' 60'
12	Meixedo	
13	Filipe Bastos	
15	Miguel Guedes	31
14	Vasco Gomes	
16	Manuel Mané	
17	Diogo Santos	60
18	Tomás Couto	75



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Caracterização Geral



Observador: Gonçalo Teixeira

Sistema de Jogo: 1-4-3-3 clássico

Princípios Gerais Ofensivos:

- Jogo em apoio triangulado
- Alternância entre jogo interior e exterior
- Dinâmicas interior/extremo

Princípios Gerais Defensivos:

- Bloco médio/alto
- Prioridade em retirar jogo interior
- Adversário de costas para jogo referencia de pressão em todo o campo

Rio Ave Futebol Clube

Organização Ofensiva

- Tentam sempre sair a jogar (se não o conseguirem fazer a referência do jogo direto é o Duarte 9)
- Centrais com qualidade no jogo de pés (não deixar Levi progredir com bola, pode desequilibrar)
- Alternam jogo em apoio interior com jogo no espaço pelos corredores.
- Tocam nos apoios interiores, para acelerar jogo por fora pelos corredores
- Laterais fracos tecnicamente
- Dinâmicas constantes entre interior e extremo da lado da bola, extremo em apoio e interior a procurar profundidade em diagonal
- Se a bola entra na profundidade num dos interiores, extremos procuram espaços interiores
- Jogo em apoio do Duarte 9 muito forte, avançado completo, possante mas rápido.
- Corredor direito muito mais influente no jogo que o esquerdo, muito devido à qualidade do Cláudio Major

7 ExtDir.



Observador: Gonçalo



Transição Defensiva

Zona de perda de bola: Corredores

- Reação á perda com muito critério
- Reagem rápido e forte a indicadores de fragilidade de posse (portador de costas para jogo, bola não controlada) e tentam obrigar a jogar mal em qualquer zona do campo
- Mas também têm capacidade para perceber quando o melhor é controlar e tirar profundidade á transição ofensiva do adversário
- Reação dos homens mais adiantados a bolas interiores, pressionam pelo lado da baliza adversária, em Guimarães ganharam muitas disputas assim

Principais erros:

- Primeiro portador da bola várias vezes sem pressão, deixam decidir á vontade
- Costas dos laterais lentos a baixar (Moutinho DE)



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Organização Defensiva

- **Formação 1-4-4-2 ; Profundidade do bloco:** Médio/Alto
- Deixam sair a jogar para pressionar
- 1ª linha de pressão com PL e MI, não deixam que os centrais progredam com bola, quando conseguem direcionar a org. ofensiva adversário para um dos corredores, o outro (MI ou PL) fecha jogo interior e controla profundidade
- Jogo interior como indicador de pressão forte (papel dos dois homens mais adiantados chave neste momento, reagem a bolas interiores pelo lado da baliza adversária), oferecem corredores para jogar
- Tridente do corredor central muito forte no jogo posicional, Esteves MD Levi DC e Luís DC fortes no desarme, antecipação, dão pouco espaço a frente da linha defensiva
- Corredores zona mais vulnerável e com mais espaço para jogar, laterais agressivos e comprometidos mas com dificuldades técnicas – lado esquerdo mais vulnerável (Moutinho DE e Edgar EE)
- Equipa com dificuldades quando adversário consegue variar centro de jogo, coberturas ao lateral longe.



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Transição Ofensiva

Zona de recuperação de bola: Corredor central

- Momento de recuperação de bola com critério, reorganizam ofensivamente tirando a bola da zona de pressão com qualidade se não houver espaços no bloco defensivo adversário no momento da perda e Exploram esses mesmos espaços se o puderem fazer
- Principal referencia de transição rápida é o Duarte 9 PL, bom jogo em apoio, qualidade no primeiro toque, obrigando o bloco a fechar espaços interiores para posteriormente acelerar em largura pelos corredores (Claudio Major muito influente neste momento, Edgar com dificuldade para desequilibrar ou definir melhor)
- Laterais procuram sobreposição com extremo para criar superioridade no corredor



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Cantos Ofensivos

Esquemas Táticos

Cantos Defensivos



cantos ofensivos



defensivos



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Relatório de Observação e Análise de Jogo F.C do Porto

"Campeonato Nacional Juvenis – serie B"

Observação indireta – através de vídeo



F.C. Porto

2

0

x



2

0



→ **Equipa observada:** F.C. Porto

→ **Campo:** Centro de treinos do Olival

→ **Condições climáticas:** Boas (SCB)/Boas (palmeiras)

→ **Condições/Dimensões do terreno:** Excelentes

→ **Arbitragem:** Normal

→ **Público:** Calmo

→ **Treinador:** Interventivo

Últimos Resultados:

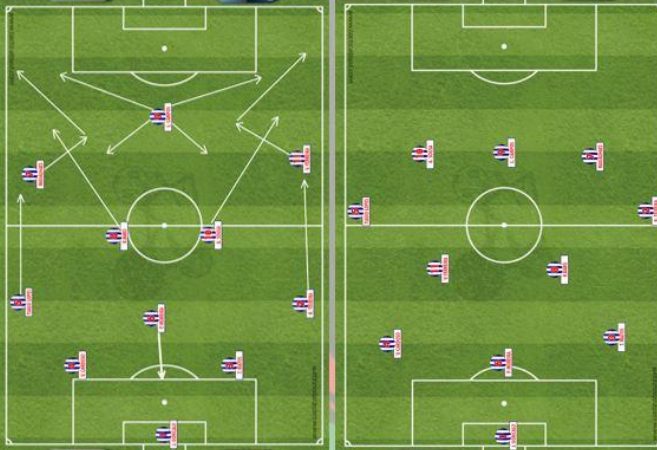
E	2017-01-22	11:00	(F)	Palmeiras FC	0-0
E	2017-01-15	11:00	(C)	Braga	2-2
V	2017-01-08	11:00	(F)	Anadia	1-2
V	2016-12-30	11:00	(C)	Padroense	2-0
D	2016-12-18	11:00	(F)	V. Guimarães	1-0
V	2016-12-11	11:00	(C)	Académica	6-2
V	2016-11-26	11:00	(F)	Rio Ave	0-2

Onze inicial provável

Nome	Nº	Posição
João Gonçalves	1	GR
Ruben Teixeira	2	DD
Tiago Matos	3	DCD
Vitor Cardoso	4	DCE
Jota	5	DE
Paulo Moreira	6	MD
Romário Baró	8	MI
Vitor Ferreira	11	MI
Miguel Magalhaes	7	ED
Afonso Sousa	10	EE
Leandro Campos	9	PL

Ficha de Jogo

Caracterização Geral



Sistema de Jogo: 1-4-3-3 clássico

Princípios Gerais Ofensivos:

- Jogo Apoiado e Triangulado para criar espaços
- Criação de linhas de passe entre linhas (média e defensiva)
- Mudança de atitude com bola (movimentos de rutura, corrida de sobreposição, condução agressiva para o espaço para atrair e soltar)

Princípios Gerais Defensivos:

- Bloco Alto
- Densidade alta na zona da bola
- Recuperar bola em zonas altas
- Obrigar o adversário a jogar direto

Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Caraterísticas:

-



Transição Defensiva

Caraterísticas:

- **Zona de perda de bola:** Zonas Altas/ Corredores
- Reação á perda muito forte coletivamente, colocam muitos homens na zona de perda da posse em pouco tempo.
- **Objetivos:** Recuperar bola em zonas altas rapidamente para dar continuidade ao momento ofensivo, ou obrigar adversário a optar por jogo direto.
- Preocupação clara em proteger lado da sua baliza
- Indicadores de pressão bem definidos: adversário de costas , fragilidades na posse.
- O momento de transição defensiva estende-se até quando a bola é colocada no GR pelo adversário **(necessária uma transição ofensiva muito rápida e bem definida coletivamente, Espaço nos corredores !!)**
- Esta aposta clara, numa transição fortíssima, traz desvantagens: despovoamento no lado contrário da bola, bloco por vezes parte-se quando nem todos os setores reagem com a mesma intensidade á perda e a certos indicadores (principalmente setor mais adiantado do médio).
- Espaço nas costas dos laterais , quase sempre projetados, quando a dobra do Paulo é ultrapassada , apresentam dificuldades!



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Organização Defensiva

Caraterísticas:

- Profundidade do Bloco : Alto
- Numa primeira fase , preocupação do Leandro Campos 9 tirar meio dos centrais "empurrando" adversário para corredor e Interiores responsáveis pela zona 6 e em cobrir extremo que sai ao lateral.
- Se adversário consegue variar centro de jogo por trás, extremo do lado contrário coloca-se entre central e lateral
 - > Se a bola estiver no GR mantém posição
 - > Se a bola entrar no central pressão intensa imediata
 - > Se a bola entra no lateral (passe médio/longo), tenta recuperar posição o mais rápido possível, contando com a ajuda do médio interior do lado da bola se necessário
- Preocupação constante com a profundidade da linha defensiva (uma vez que obrigam adversário a optar por jogo direto) liberta espaços à frente da mesma que podem ser aproveitados.
- **Lado contrário da bola com muito espaço para explorar,** densidade defensiva muito alta quando bola entra nos corredores.
- Quando adversário varia de cento de jogo com qualidade, encontra-se espaços!! VIDEO



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Transição Ofensiva

Caraterísticas:

- **Zona de recuperação da bola** : meio campo defensivo; muito devido ao facto de obrigarem adversário a optar por um jogo mais direto
- Mesmo quando conquista a bola no meio campo ofensivo muitas vezes é consequência de uma transição defensiva rápida não dando tempo ao adversário de se desorganizar defensivamente.
- Equipa que prioriza a reorganização ofensiva assim que ganha a bola, começando a sua construção ofensiva pelo centrais e mesmo pelo GR (**video1**)
- Embora menos frequente, quando têm hipótese de aproveitar a desorganização defensiva adversária com um **contra ataque** também o fazem, tentando assumir o corredor central com bola, movimentos á procura da profundidade nas costas dos laterais por parte dos extremos e diagonais muito agressivas por parte do **Leandro Campos 9** (**video 2**)



Observador: Gonçalo Teixeira

Rio Ave Futebol Clube

Esquemas Táticos

Cantos Ofensivos

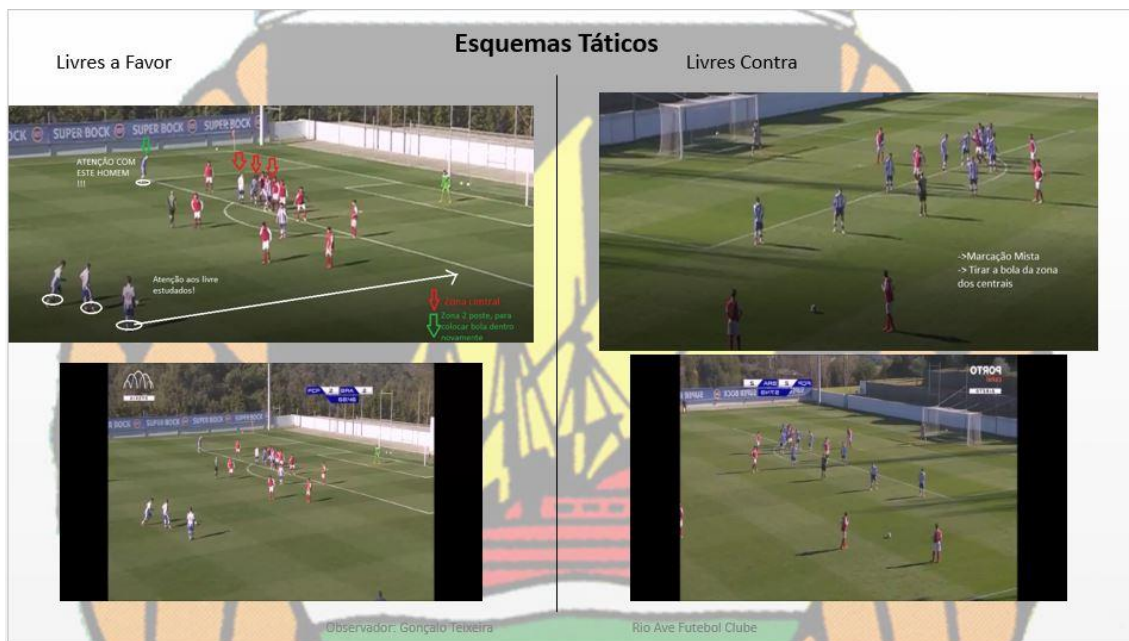


Observador: Gonçalo Teixeira

Cantos Defensivos



Rio Ave Futebol Clube



ANEXO IV – CERTIFICADO PROZONE AMISCO



ANEXO V – CERTIFICADO BWIZER

